

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA



Trabalho de Conclusão de Curso

**A ATUAÇÃO EM REDE PARA A GESTÃO DO PATRIMÔNIO UNIVERSITÁRIO:
UM ESTUDO SOBRE A REDE DE MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS**

LISIANE GASTAL PEREIRA

PELOTAS/RS

2021

Lisiane Gastal Pereira

**A ATUAÇÃO EM REDE PARA A GESTÃO DO PATRIMÔNIO UNIVERSITÁRIO:
UM ESTUDO SOBRE A REDE DE MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Museologia do Instituto de Ciências Humanas/ICH, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Noris Mara Pacheco Martins Leal

Pelotas/RS, 2021.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

P436a Pereira, Lisiane Gastal

A atuação em rede para a gestão do patrimônio universitário : um estudo sobre a Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas / Lisiane Gastal Pereira ; Noris Mara Pacheco Martins Leal, orientadora. — Pelotas, 2021.

77 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Rede de Museus. 2. Museus universitários. 3. Patrimônio universitário. 4. Política de museus. I. Leal, Noris Mara Pacheco Martins, orient. II. Título.

CDD : 069

Lisiane Gastal Pereira

A atuação em rede para a gestão do patrimônio universitário: um estudo sobre a Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 18 de junho de 2021.

Banca examinadora:

.....

Prof^a. Dr^a Noris Mara Pacheco Martins Leal (orientadora)

Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas

.....

Prof. Dr. Daniel Maurício Viana de Souza

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Ao longo de minha trajetória acadêmica e na construção deste trabalho, várias pessoas tiveram um papel importante. Tudo teria sido muito mais difícil se não tivesse essa rede de pessoas que dá o suporte necessário para que as coisas se desenvolvam.

Primeiramente agradeço à Universidade Federal de Pelotas, pela oportunidade de realização do curso, bem como, também agradeço ao Bacharelado em Museologia e a todos os membros do corpo docente que me auxiliaram de diversas maneiras ao longo deste percurso.

Sou imensamente grata à minha orientadora professora Nórís Leal, que era Coordenadora da Rede de Museus quando eu ingressei como estagiária, no início da minha graduação, e que agora, no final, aceitou me orientar neste trabalho. Agradeço não apenas pelos ensinamentos e dedicação, mas, principalmente, pela disponibilidade e apoio que me deram força para seguir adiante.

Agradeço ao professor Daniel Viana, que aceitou o convite para compor a banca deste trabalho e participar desse processo. Com certeza as suas contribuições irão enriquecer este trabalho.

Às professoras Silvana Bojanoski e Andréa Bachettini, que estiveram junto comigo ao longo de praticamente todo o período em que participei da Rede de Museus da UFPel, sempre disponíveis para me auxiliar no que fosse necessário.

À todas que me concederam entrevista para a realização deste trabalho: professora Francisca Michelin, professora Rita de Cássia Marques, Museóloga Joana Lizott, as colegas Aline Mota e Marlene Oliveira, entre outras pessoas que já mencionei neste texto. Todas as respostas me auxiliaram imensamente na construção deste trabalho.

Agradeço à todos os colegas do Bacharelado em Museologia. De maneiras diferentes, todos contribuíram ao longo da minha jornada acadêmica.

Por fim, agradeço ao meu companheiro de vida, Douglas, pela parceria e apoio de sempre. O seu incentivo foi fundamental para que eu seguisse em frente. Muito obrigada.

RESUMO

PEREIRA, Lisiane Gastal. **A atuação em rede para a gestão do patrimônio universitário: um estudo sobre a Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas.** Orientadora: Noris Mara Pacheco Martins Leal. 2021. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

O presente trabalho aborda a Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), órgão suplementar da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade, que atua desde o ano de 2017 com o objetivo de unir os espaços e projetos museológicos da instituição e criar políticas para a área com o intuito de salvaguardar, valorizar e divulgar os acervos e coleções pertencentes a esses espaços. Este trabalho analisa a atuação da Rede de Museus ao longo dos seus quatro anos de existência, com a finalidade de verificar se este órgão conseguiu cumprir com a sua missão e seus objetivos, e quais os benefícios que trouxe para os acervos, coleções e museus da universidade, através da avaliação da sua implantação, normativas e atividades desenvolvidas. Foi utilizada como metodologia uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica, entrevistas e análise de documentos administrativos. Para melhor entender o desenvolvimento e o progresso da Rede da UFPel, usou-se como referência a Rede de Museus da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a mais antiga rede de museus universitários do país. Concluiu-se que a Rede de Museus da UFPel não atingiu seus objetivos por completo, mas sua implantação vem contribuindo para a área museológica da universidade em diversos aspectos.

Palavras-chave: Rede de museus. Museus universitários. Patrimônio universitário. Política de museus.

ABSTRACT

PEREIRA, Lisiane Gastal. **Networking for the management of university heritage: a study on the Network of Museums of the Universidade Federal de Pelotas.** Advisor: Noris Mara Pacheco Martins Leal. 2021. 77 p. Final Paper (Bachelor of Museology) – Institute of Human Sciences. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

This paper approaches the Network of Museums of the Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a supplementary part of the Pro-Rectorate of Extension and Culture of the University, which operates since the year 2017 with the objective of unifying spaces and museum projects of the institution and creating policies for the area with the intent of safeguarding, valuing and divulging the holdings and collections belonging to these spaces. This paper analyses the performance of the Network of Museums throughout its four years of existence, with the objective of verifying if this organization has managed to fulfill its mission and objectives, and which benefits it has brought to the holdings, collections and museums of the University, through the evaluation of its implementation, norms and activities developed. A qualitative methodology was used, with a literature review, interviews and analysis of administrative documents. To better understand the development and the progress of UFPel's network, the Network of Museums of the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), the oldest University Network of Museums of the country, was used as a reference. It was concluded that UFPel's Network of Museums did not achieve its goals in their fullest, but its implementation has been contributing for the museums sector of the University in several aspects.

Key words: Museum network. University museums. University heritage. Museum policy.

Lista de figuras

Figura 01	Fotografia da seleção de fotos e documentos na sala da Direção da FAEM43
Figura 02	<i>Card</i> com a programação da Semana dos Museus 2020.....45
Figura 03	<i>Card</i> com a programação do Dia do Patrimônio 2020.....46

Lista de abreviaturas e siglas

APCN	Apresentação de Proposta para Cursos Novos
CA	Centro de Artes
CCS	Coordenação de Comunicação Social
CEC	Congresso de extensão e Cultura
CEMEMOR	Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais
C&R	Conservação e Restauro de Bens Culturais
CNPq	Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONSUN	Conselho Universitário
DEMU	Departamento de Museus
FaE	Faculdade de Educação
FAEM	Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel
FAURB	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FEO	Faculdade de Enfermagem
IB	Instituto de Biologia
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ICH	Instituto de Ciências Humanas
LEPAARQ	Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia
MALG	Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo
MAST	Museus de Astronomia e Ciências Afins
MCNCR	Museus de Ciências Naturais Carlos Ritter
MinC	Ministério da Cultura
MuDI	Museu Diários do Isolamento
MUARAN	Museu Arqueológico e Antropológico
NEAB	Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira
PNE	Plano Nacional de Educação
PNEM	Programa Nacional de Educação Museal
PNM	Política Nacional de Museus
PNSM	Plano Nacional Setorial de Museus

PPGMP	Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural
PREC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SBM	Sistema Brasileiro de Museus
SECULT	Secretaria de Cultura
SEDAC/RS	Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul
SIMPAC	Sistema Municipal de Preservação Cultural
SMAPI	Seção de Museus, Acervos e Patrimônio Imaterial
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UC	Universidade da Colômbia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Sumário

1 Introdução	11
2 Patrimônio universitário: trajetórias e conceitos	15
2.1 Políticas públicas no Brasil na área do patrimônio	20
2.2 A trajetória da UFPel na área do patrimônio	25
3 As redes de museus	31
3.1 A Rede de Museus da UFMG	35
3.2 A Rede de Museus da UFPel.....	39
3.2.1 Atividades desenvolvidas pela Rede de Museus da UFPel.....	42
3.2.2 Análise das atividades da Rede de Museus da UFPel.....	47
4 Conclusão	52
Referências	56
Apêndices	60

1 Introdução

A proposta do presente Trabalho de Conclusão de Curso surgiu a partir da experiência acadêmica proporcionada pela Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que propiciou vivências na área dos museus e do patrimônio universitário. A participação nas atividades desenvolvidas ao longo de quase quatro anos de estágio possibilitou aprendizados e instigou questões que levaram a execução deste trabalho.

Neste sentido, o objeto de pesquisa aqui apresentado é a Rede de Museus da UFPel, órgão suplementar da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), que foi criado no ano de 2017, e que atua no sentido de integrar os espaços e projetos museológicos da Universidade. Sendo assim, este trabalho analisa a atuação da Rede de Museus ao longo dos seus quatro anos de existência, com a finalidade de verificar se este órgão conseguiu cumprir com a sua missão e seus objetivos, e quais os benefícios que trouxe para os acervos, coleções e museus da universidade. De modo a atingir este objetivo, o trabalho desdobrou-se no estudo da implantação da Rede de Museus da UFPel, na análise das suas normativas e no levantamento das atividades que foram desenvolvidas pelo órgão e avaliação do seu impacto.

Pelotas-RS, cidade sede da Universidade, é reconhecida pela estreita relação com seu patrimônio histórico. Essa relação foi sendo construída ao longo dos anos e a UFPel não esteve passiva diante deste tema, tendo desempenhado um papel de bastante destaque, desenvolvendo ações ao longo dos anos que tiveram impacto no que tange ao cenário patrimonial que está estabelecido atualmente na região. Sendo assim, no decorrer da sua trajetória, a instituição desenvolveu uma relação cada vez mais próxima com o patrimônio histórico e cultural, o que resultou no fortalecimento da área patrimonial da instituição. Criou-se então, ao longo dos anos 2000 os cursos de Museologia e de Conservação e Restauração de Bens Culturais, e o curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP), com Mestrado e Doutorado, configurando-se como a única universidade do país que possui, no mesmo departamento, os dois cursos de graduação na área, além de uma pós-graduação.

A valorização do patrimônio cultural no município de Pelotas e na universidade, bem como a criação de cursos voltados para a formação profissional na área do patrimônio na UFPel, são processos que não se deram de forma isolada

de uma realidade que passou a ocorrer no contexto estadual e nacional. Algumas circunstâncias que aconteceram em um âmbito político nacional direcionaram para esse quadro de valorização, como a criação, a partir de 2003, das bases da Política Nacional de Museus, criado pelo Ministério da Cultura (MinC), que refletiu na criação de museus no Brasil, na legislação para a área e na criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em 2009. A partir do crescimento do campo museológico e da formação de uma política para a área, e por consequência da abertura de instituições museais, aumentou a demanda de profissionais com formação, o que estimulou a criação de cursos. A partir deste contexto, que se configurou tanto no cenário nacional quanto regional, ações e iniciativas foram sendo implantadas na Universidade no sentido de enriquecer e melhor desenvolver a atuação dentro deste campo. Neste contexto que surgiu a Rede de Museus da UFPel.

A Rede é um órgão muito recente na universidade. São quatro anos de atuação numa instituição de ensino que, como dito anteriormente, possui um trabalho reconhecido na cidade e região em relação a cursos de formação na área do patrimônio, assim como se destaca pelo número de prédios reconhecidos como patrimônio cultural. Sendo assim, esta pesquisa busca entender qual está sendo a importância da implantação da Rede de Museus frente aos desafios da preservação dos acervos pertencentes e geridos pela Universidade.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da hipótese de que a Rede de Museus, em vários aspectos, busca cumprir a sua missão. O tempo de sua existência é bastante curto para o cumprimento de todo o planejado, e por este motivo, talvez, nem todos os objetivos tenham sido alcançados. No entanto, infere-se que a sua atuação nos últimos quatro anos tem sido relevante para área museológica da UFPel em diversos aspectos, como no sentido de aproximar as ações e atividades dos diferentes museus e espaços de memória para que ocorram de uma maneira mais integrada e integradora.

Esse estudo se justifica pela necessidade de analisar a utilidade desta ferramenta que coordena ações e estratégias para área de forma organizada, e que está, aos poucos, sendo implantada em diversas instâncias no país, se mostrando um instrumento bastante eficaz. Também se busca incentivar e estimular o uso e o aprimoramento desse método de trabalho que se configura como um método de articulação entre os museus, buscando assim um avanço para o campo museológico. Esse trabalho também se apresenta como uma ferramenta de

avaliação e, neste caso, é importante para mostrar não apenas os acertos, mas também possíveis desvios do foco principal que possam estar ocorrendo, buscando trazer subsídios para desenvolver melhorias para o setor.

Atualmente, a literatura da área museológica, aponta que os museus devem ser geridos de maneira democrática, levando em conta a participação de diferentes agentes que integram a comunidade. Neste sentido, as redes de museus como um todo se configuram como importantes meios para o desenvolvimento do trabalho em espaços museais, pois permitem a troca de informações e de experiências, e a execução de um trabalho de maneira mais articulada e participativa, configurando-se como uma forma de trabalho importante para as instituições museais. A disseminação desta forma de trabalho justifica a necessidade de seu estudo crítico.

Além disso, é importante destacar que atualmente, o Brasil atravessa um momento político de fortes ataques, tanto à universidade pública, quanto à área cultural. Cortes de verbas têm sido feitos de maneira constante. Sendo a Rede de Museus da UFPel um setor que atua na área dos museus universitários, ou seja, atua na área cultural e científica, dentro da universidade pública, torna-se necessário demonstrar, através de dados concretos, a importância e a relevância deste setor.

O trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa, pois se buscou compreender através da observação das informações coletadas se houve contribuição da Rede de Museus da UFPel para a área museológica da universidade, e, para isso, algumas etapas foram fundamentais. Ao longo de todo o trabalho realizou-se uma revisão bibliográfica em livros, artigos, trabalhos acadêmicos sobre assuntos referentes ao tema que balizaram à evolução da escrita. Utilizou-se ainda, a pesquisa em documentos administrativos, como atas, relatórios e Regimentos. Também foi utilizada como metodologia a realização de uma análise da Rede de Museus da UFMG, que se trata da rede de museus universitários mais antiga do país. Por ser considerado um caso bem sucedido na área, realizou-se esta análise com o intuito de estabelecer um parâmetro no estudo da Rede da UFPel. Por fim, foram realizadas entrevistas com pessoas envolvidas em diferentes níveis com o objeto de pesquisa. As entrevistas foram realizadas por e-mail com perguntas direcionadas às diferentes funções. Foram entrevistadas as ex-coordenadoras do órgão Silvana Bojanoski e Nórís Leal, a ex-Pró-Reitora de Extensão e Cultura, Francisca Michelin, a Museóloga do MALG Joana Lizott, a Chefe da Seção de Mapeamento e Inventário em Extensão Andréa Bachettini, as ex-estagiárias da

Rede Marlene Oliveira e Aline Mota e a ex-coordenadora da Rede de Museus da UFMG, Rita de Cássia Marques. Além destas, a entrevista também foi enviada para outras pessoas, porém não se obteve resposta.

O trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro, denominado 'Patrimônio universitário: trajetórias e conceitos', busca contextualizar o leitor, apresentando questões referentes ao tema abordado por esta pesquisa. Inicia-se falando a respeito do patrimônio universitário, abordando questões sobre como se desenvolveram as instituições universitárias, utilizando como base Patrícia Fara (2014). Sobre o conceito de patrimônio é utilizada a autora Márcia Sant'anna (2003). Ao abordar a formação de museus e coleções universitárias utiliza-se autoras como Adriana Almeida (2001), Mariana Novaes (2018), Roberta Marques e Rejâne Silva (2011), Cristina Bruno (1997) e Emanuella Ribeiro (2013). Ainda no primeiro capítulo, abordam-se as políticas públicas na área do patrimônio e dos museus, apresentando um breve histórico de como estas políticas se desenvolveram no Brasil, usando como referência: Márcia Sant'anna (2003), Nórís Leal (2019), Gabrielle Tanus (2013), a entrevista realizada com José do Nascimento Júnior, pelas professoras Francisca Michelin e Nórís Leal (2014), e algumas leis que tratam dessas políticas no país, como o artigo 216 da Constituição Federal de 1988 e o decreto nº 3551/2000. Por fim, ainda no primeiro capítulo, aborda-se a Universidade Federal de Pelotas e sua trajetória no campo do patrimônio inserida na cidade de Pelotas, através de autoras como Francisca Michelin (2013), Francine Ribeiro (2013) e Liciane Almeida (2006) e os Projetos Políticos Pedagógicos dos Bacharelados em Museologia e Conservação e Restauração de Bens Culturais.

No segundo capítulo, denominado 'As redes de museus', aborda-se primeiramente os conceitos de redes de trabalho em um âmbito geral e de redes de museus especificamente, através das autoras Marianna Soares (2020), Ana Cristina Carvalho (2008) e Mariana Novaes (2018). Sobre a Rede de Museus da UFMG, também se utilizou a autora Marianna Soares (2020), a entrevista realizada com a professora Rita de Cássia Marques, além de documentos e informações publicadas no site da Rede de UFMG. Por fim, ao abordar a Rede de Museus da UFPel, utilizou-se as entrevistas, além de documentos e fontes escritas, como relatórios e atas de reuniões.

2 Patrimônio universitário: trajetórias e conceitos

De um modo geral, ao longo da trajetória das instituições como um todo, é comum que se formem acervos. Frequentemente, estes acervos são formados por objetos e documentos que possuem importância e que se destacaram no decorrer do percurso destes lugares. Ao serem escolhidos como representativos, estes itens passam a ter um papel de notoriedade no que se refere à história das instituições, ganhando um significado que altera a importância destes bens, que acabam adquirindo um status de patrimônio cultural. Quando estes acervos são formados no interior de instituições de ensino superior, esse conjunto de bens é denominado patrimônio universitário ou patrimônio científico. Essa categoria específica de patrimônio, que inclusive é bastante recente, possui suas características próprias, pois se encontra em um contexto específico, que atribui a esse patrimônio características e particularidades que são próprias do universo acadêmico.

Para entender esse universo que está sendo referido, o acadêmico, é importante entender a respeito das universidades, sua formação, trajetória, funcionamento e as características que configuram este meio. Segundo Patrícia Fara (2014), pode-se remeter às escolas monásticas do cristianismo medieval europeu como os locais que deram origem às universidades como conhecemos atualmente. Estes locais se configuravam como “importantes centros educacionais [...] oferecendo ensinamentos clássicos e cristãos” (FARA, 2014, p. 91). Segundo a autora, a partir dali, pequenos grupos de estudiosos passaram a formar organizações independentes se separando da igreja, formando assim as universidades. Estes locais foram instituídos como espaços dotados de certo grau de poder e autonomia, como é ratificado por FARA (2014):

[As universidades] se transformaram em entidades **poderosas**, capazes de negociar com o Estado e a Igreja. Como instituições **autônomas** possuíam administração própria, mas recebiam excepcionais **privilégios** para seus acadêmicos, considerados a **elite dos guardiões do conhecimento esotérico**. Essa proteção significava que, além de lecionar, os intelectuais eram relativamente **livres para discutir ideias polêmicas** (FARA, 2014, p. 91, grifo nosso).

A partir do que é exposto por Fara (2014), fica evidente que as instituições universitárias já possuíam na sua origem características que demonstravam a importância deste espaço, que lhes dava destaque e prestígio, o que ganhou força com o tempo. As universidades se fortaleceram no período do Renascimento, época marcada pela valorização do homem, do conhecimento, das descobertas e do progresso científico. Naquele momento a “cultura ocidental moderna foi marcada pela racionalização, levando à busca pelo controle cognitivo e instrumental do mundo” (NOVAES, 2018, p.25). Neste contexto, tornou-se comum o hábito da formação de coleções com um caráter enciclopédico, buscando a compreensão da sociedade, da natureza e dos diversos aspectos que permeiam a vida como um todo. Também foi durante o Renascimento que a comunidade de professores e alunos passou a ter um local físico, permitindo assim a formação de coleções, visto que “a existência de um local fixo de atividades é condição para salvaguarda de coleções” (ALMEIDA, 2001, p. 12).

Desta forma, o hábito do colecionismo, que havia ganhado força com os gabinetes de curiosidades¹, passou a fazer parte da cultura das universidades, sobretudo ao longo do século XVII (NOVAES, 2018), pois a formação de coleções auxiliava no processo de investigação e compreensão de universos desconhecidos. Tendo em vista que as universidades tinham passado recentemente por um processo de maior aquisição de autonomia, ganhando prestígio e poder, e que a formação de coleções representava o domínio do conhecimento, elas também passaram com o tempo a formar suas próprias coleções, constituindo assim a base do que chamamos hoje de patrimônio universitário. Muitas destas coleções foram formadas inicialmente apenas para atender as demandas do ensino e pesquisa universitária, sem compromisso com o público externo (MARQUES E SILVA, 2011).

Dentro desta conjuntura, é importante falar também do contexto em que se deu a origem do termo patrimônio no sentido em que ele está sendo empregado neste trabalho, ou seja, o seu sentido cultural. Ao longo de muito tempo, o termo se relacionou apenas com o conceito de propriedade privada, apresentando um sentido simbólico de poder e domínio que passava de geração a geração entre as famílias aristocráticas. Este termo se alargou e ganhou novos significados no período da

¹ Os gabinetes de curiosidades ou câmara das maravilhas eram espaços que começaram a se popularizar no período do Renascimento, e surgiram a partir do hábito colecionista que caracterizou este período. Nestes lugares reuniam-se objetos diversos, curiosos, raros e/ou estranho, com origens em diversas partes do mundo, que eram expostos ao público.

Revolução Francesa, no final do século XVIII. Neste momento da história iniciou-se um processo de destruição do regime aristocrático na França, e de tudo que o representava, ou seja, o seu patrimônio. No meio deste processo de destruição, começou a surgir um sentimento de preocupação, e um novo olhar passou a ser lançado sobre estes bens que originalmente representavam o poder da monarquia sobre o povo, e o “conceito de patrimônio nacional irrompeu para responder à urgência de salvar da rapinagem e da destruição os imóveis e as obras de arte, antes pertencentes ao clero e à nobreza, que foram transformados em propriedade do Estado” (SANT’ANNA, 2003, p. 50). O novo olhar sugeria que estes bens faziam parte da história da nação e, portanto, deveriam ser preservados, como herança para as gerações futuras. Ao invés de ser de uns poucos, esse patrimônio seria de todos, portanto, no lugar de destruí-los, passou-se preservá-los, e a partir deste momento, o termo patrimônio passou a ganhar um novo significado, passando a ser atrelado, também, aos bens que representam a história e a vida corrente da nação, sendo utilizado na busca em gerar um sentimento de pertencimento, identificação coletiva e de nacionalismo.

Foi nesse momento que a expressão começou a ser vinculada mais estreitamente ao campo da representação e a ser utilizada com fins políticos, objetivando unir grupos socialmente, e até culturalmente, heterogêneos a uma identidade ou a um projeto de nação. Os monumentos históricos, os saberes e as práticas que os rodeiam institucionalizaram-se e, com a criação dos primeiros instrumentos de preservação – museus e inventários –, surgiu e consolidou-se a ideia de patrimônio nacional (SANT’ANNA, 2003, p. 50).

Atualmente, além do seu significado de propriedade privada, o termo também reflete uma ideia de representatividade e de coletividade. No entanto, é importante destacar que para um bem ser considerado patrimônio cultural, ele passa por um processo de seleção, que irá determinar o que é importante ser lembrado e preservado e o que não merece ser lembrado. Novaes (2018) destaca que “é o Estado, através de seus agentes, que determina os símbolos e a identidade de uma determinada sociedade” (NOVAES, 2018, p. 14).

A patrimonialização de um bem, material ou imaterial, é resultante das atividades exercidas pelos agentes representantes do Estado. É uma ação que segue critérios pré-estabelecidos pelo Estado e seus agentes e, portanto, legitima o processo de atribuição de valores sobre o bem a ser preservado. (NOVAES, 2018, p. 13).

Portanto, referir-se ao patrimônio universitário, não significa falar apenas de um patrimônio que está sob responsabilidade da universidade, mas sim de um patrimônio cultural, histórico e científico, que foi selecionado em meio do contexto de uma instituição de ensino, e que, portanto, representa a história do ensino, dos sujeitos que integram esses espaços, das disputas internas que ocorrem neste meio, e da vida acadêmica como um todo. Esse patrimônio se insere nas “lógicas e práticas do campo científico” (BORDIEU, 2004, *apud* RIBEIRO, 2013, p. 89), e, portanto, são “influenciados pelas práticas de pesquisadores, professores e administradores deste campo” (RIBEIRO, 2013, p. 89).

O patrimônio universitário também pode ser compreendido como patrimônio científico, que são considerados “bens materiais e imateriais que constituem alguma evidência das atividades científicas. Esses bens podem ser fruto do processo científico ou ainda objetos usados para a produção de conhecimento” (NOVAES, 2018, p. 25).

Uma das particularidades referentes ao patrimônio universitário se refere à forma como se dá a formação de coleções. Faz parte da natureza humana o hábito da reunir objetos em coleções, sendo inclusive objeto de estudo do campo científico da Museologia, que caracteriza este fenômeno como o fato museal, ou seja, “é a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual tem poder de agir” (GUARNIERI, 1990, p. 7 *apud* CURY, 2009, p. 28). Quando se refere às instituições de ensino superior, a formação de seus acervos e coleções, que configuram o patrimônio universitário, possuem particularidades que se relacionam às especificidades do contexto acadêmico. Almeida (2001) menciona que, de uma forma geral, os acervos e coleções que compõe o patrimônio universitário se formam das seguintes maneiras: doações e heranças; incorporação de coleções e museus na formação da universidade; a aquisição de coleções pela universidade; a formação de coleções a partir da pesquisa e coleta de campo. As coleções universitárias podem ser resultado de um destes processos ou da combinação de processos diferentes.

Os bens que compõe essa categoria específica de patrimônio tem profunda relação com as atividades desenvolvidas no espaço acadêmico, ou seja, atividades de ensino, pesquisa e extensão. Neste sentido, o termo patrimônio ganha contornos mais específicos, como o que foi mencionado na declaração dos ministros da União Europeia, em 2005, que estabeleceu que:

O 'patrimônio universitário' engloba todos os bens tangíveis e intangíveis relacionados com as instituições de ensino superior e o seu corpo institucional, bem como com a comunidade acadêmica composta por professores/pesquisadores e estudantes, e todo o meio ambiente social e cultural que dá forma a este patrimônio. O 'patrimônio universitário' é composto por todos os traços, tangíveis e intangíveis, da atividade humana relacionada ao ensino superior. É uma grande fonte de riqueza acumulada, que nos remete diretamente à comunidade acadêmica de professores/pesquisadores e estudantes, seus modos de vida, valores, conquistas e sua função social, assim como os modos de transmissão do conhecimento e capacidade para a inovação (UNIÃO EUROPÉIA, 2005, apud RIBEIRO, 2013, p. 90).

Esse patrimônio, que se forma no interior das instituições de ensino superior, tem o potencial de dinamizar as atividades acadêmicas, pois permitem que o aprendizado se dê de maneira mais diversificada, visto que “as coleções e acervos, enquanto suportes de informação são fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento” (BRUNO, 1997, p. 49). Além disso, as coleções que formam esse patrimônio “podem ser consideradas suportes de memória, já que remetem a práticas, metodologias e conceitos científicos de nosso passado, seja ele remoto ou recente” (NOVAES, 2018, p. 121). Ou seja, além da capacidade de potencializar o aprendizado dos alunos, esse patrimônio também possui a capacidade de contar a história do ensino e de extroverter o conhecimento que circula no interior das instituições universitárias. E o local mais apropriado para a extroversão destes acervos e coleções que compõe o patrimônio universitário, trata-se da instituição museal. É a partir dos museus que o patrimônio universitário vai ter a capacidade de fazer a conexão da sociedade como um todo com o universo acadêmico. “A sociedade pode não conhecer nada do que a universidade produz, mas os museus podem dar a saber o que se faz na Universidade” (MICHELON & LEAL, 2014, p. 18).

De um modo geral, os museus são definidos como:

Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Essa definição, utilizada no Estatuto dos Museus, Lei Federal 11.904 de 14 de janeiro de 2009, foi baseada na definição criada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), que em 2021 está passando por um processo de revisão, que está

sendo feito de forma colaborativa, através de diversos fóruns de discussão e consultas públicas. No caso específico dos museus universitários, segundo Almeida (2001), tratam-se basicamente daqueles museus que estão “parcial ou totalmente sob a responsabilidade de uma universidade” (ALMEIDA, p. 10, 2001). Para Bruno:

É difícil delinear o perfil do museu universitário deste país. Os exemplos evidenciam uma multiplicidade de formas e conteúdos, as mais diferentes estruturas organizacionais, como também, distintos patamares, no que se refere ao número de funcionários e capacidade para o trabalho interdisciplinar (BRUNO, p. 1997, 47).

É importante destacar, ainda, que no caso específico do patrimônio universitário, em que há a formação de diversas coleções que não se configuram como museus, é importante ressaltar a diferença que há entre essas categorias: museus e coleções universitárias. Neste sentido, Marques e Silva destacam que:

Consideramos Museu Universitário aquela unidade vinculada à universidade que contempla todas as características definidas pelo International Council of Museums (2007). Já a Coleção Universitária seria uma unidade com ações mais restritas, que embora adquira, conserve e pesquise não se preocupa em divulgar e/ou expor o patrimônio material e imaterial da humanidade e seu meio ambiente ou o faz de forma parcial. Normalmente é limitada a consulta de pesquisadores e não tem fins de lazer. Aquelas coleções que são mantidas para fins de estudos dos estudantes universitários são denominadas Coleções Didáticas. (MARQUES E SILVA, 2011, p. 67).

É válido ainda destacar que “a criação de museus universitários pode contribuir com o processo de dispersão da ciência, cultura e tecnologia através de ações e exposições” (MARQUES E SILVA, 2011, p. 68), sendo desta forma extremamente vantajoso para a sociedade como um todo, e até mesmo para a comunidade acadêmica, que tem muito para aprender através desta troca.

2.1 Políticas públicas no Brasil na área do patrimônio

A Rede de Museus da UFPel trata-se de uma política institucional a respeito do seu patrimônio universitário. Neste sentido, é importante compreender que a construção das políticas internas das instituições não ocorre de forma aleatória, mas sim é resultado de processos que se dão tanto no contexto da instituição, como também no contexto regional e nacional. Por isso, no âmbito da discussão aqui proposta, é importante trazer a trajetória das políticas públicas relacionadas ao patrimônio, tanto regionais, quanto nacional, destacando políticas e a criação de

programas e leis que traçaram o caminho que levou ao cenário que está estabelecido nos dias de hoje, que fez com que surgisse a necessidade do desenvolvimento dessa política na UFPel.

Embora já existissem algumas iniciativas isoladas relacionadas ao assunto no país, a trajetória das políticas públicas no âmbito do patrimônio histórico e cultural brasileiro remonta à década de 1930, com a criação do SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que posteriormente tornou-se o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Junto a esta iniciativa, criou-se o decreto-lei nº 25/1937, que instituiu o tombamento, instrumento de proteção desenvolvido por Rodrigo Mello Franco de Andrade, que “buscava a proteção de bens materiais considerados patrimônio histórico e artístico, baseado numa noção de história e arte daquele momento” (LEAL, 2019, p. 37). Nesta época, a proteção se baseava em uma concepção ocidental que valorizava apenas objetos de arte e monumentos arquitetônicos, estabelecendo noções de autenticidade e permanência, o que conduziu “à criação de instrumentos voltados para a proteção, guarda e conservação dos bens patrimoniais, pelo tempo mais longo e da forma mais íntegra possível” (SANT’ANNA, 2003, p. 51).

Essa noção restrita que dominava o olhar ocidental sobre o bem patrimonial, só começou a se modificar a partir da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), através de uma percepção que vinha da cultura oriental, em que a ênfase é dada ao processo e ao conhecimento que é necessário para a produção dos bens artísticos, e não aos objetos prontos apenas (SANT’ANNA, 2003). Foi neste momento “que processos e práticas culturais começaram, lentamente, a ser vistos como bens patrimoniais em si, sem necessidade da mediação de objeto” (SANT’ANNA, 2003, p. 51). Sant’anna destaca que essa nova percepção culminou na Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da UNESCO, que ocorreu em 1972. Este ato incentivou países de terceiro mundo a reivindicarem “a realização de estudos para a proposição, em nível internacional, de um instrumento de proteção às manifestações populares de valor cultural” (SANT’ANNA, 2003, p. 53).

No cenário nacional, foi nos anos 1970 que essa nova noção de patrimônio, mais abrangente, começou a receber alguma atenção no âmbito das políticas públicas. Nesta década foi criado o Centro Nacional de Referência Cultural e a Fundação Nacional Pró-Memória, instituições que mais tarde se uniram ao IPHAN. Nestes locais, houve um avanço com a realização de trabalhos de registro de

manifestações culturais, mas neste momento “não chegaram a ser propostos instrumentos de preservação específicos” (SANT’ANNA, 2003, p. 54). Já na década de 1980, tiveram dois importantes momentos para o cenário do patrimônio nacional. Um em 1985, com o decreto 91.114, que separava o Ministério da Cultura (MinC) do da educação, dando assim maior autonomia para a área cultural²; e o outro com o artigo 216 da Constituição Federal de 1988, em que o conceito de patrimônio cultural se alargou e passou a abranger também a dimensão imaterial, e a proteção do patrimônio se estendeu também à comunidade.

Embora a questão da imaterialidade estivesse presente na Constituição em 1988, a dimensão imaterial do patrimônio só passou a ter mais visibilidade quando ganhou proteção especial com o Decreto 3.551/2000, que instituiu o inventário e o registro do patrimônio imaterial, que destacou um panorama que até então só chamava a atenção de alguns especialistas, como apontam Abreu e Chagas:

Se durante décadas predominou um tipo de atuação preservacionista, voltada prioritariamente para o tombamento dos bens chamados de pedra e cal – igrejas, fortes, pontes, chafarizes, prédios e conjuntos urbanos representativos e de estilos arquitetônicos específicos – o referido decreto pôs em cena uma antiga preocupação de intelectuais brasileiros, entre os quais se destacou Mario de Andrade, qual seja, a de valorizar o tema do intangível, contribuindo social e politicamente para a construção de um acervo amplo e diversificado de expressões culturais, em diferentes áreas: línguas, festas, rituais, danças, lendas, mitos, músicas, saberes, técnicas e fazeres diversificados (ABREU; CHAGAS, 2003, p. 13)

No âmbito específico dos museus, a trajetória das políticas públicas começa a se delinear na década de 1980, quando em 1982 é criada a Coordenadoria de Museus, ligada à secretaria de cultura do MEC, com a “missão dar novas diretrizes aos museus, propor modificações em suas atuações, deixando de ser o museu fórum para ser o local de discussão da realidade social em que estivesse inserido” (LEAL, 2019, p. 61). Neste órgão, foi criado o Programa Nacional de Museus, que segundo Leal (2019, p. 60) “visava prestar assistência aos museus brasileiros, num primeiro momento, bastante preocupado com a conservação de acervos”.

No ano de 1986 foi criado o Sistema Nacional de Museus, com a função de “desenvolver uma política para a área museológica, a qual deveria ser desenvolvida com a participação de todos os estados da federação” (LEAL, 2019, p. 61). Esse

² De lá para cá houve muitas idas e vindas com relação ao MinC. O Ministério foi extinto no ano 2019, durante o governo de Jair Bolsonaro, se tornando uma Secretaria de Cultura, que, atualmente, faz parte do Ministério do Turismo.

órgão federal que teve curta duração, acabando em 1990³, deu origem ao Sistema Estadual de Museus do RS, criado em 1991, órgão que faz parte da Secretaria da Cultura do governo do estado do Rio Grande do Sul (SEDAC/RS). Segundo o Antropólogo José do Nascimento Júnior, este órgão estadual fomentou ações e programas que movimentaram o cenário museológico da região e elevaram o estado do Rio Grande do Sul, na época, ao status de “polo de discussão da museologia no Brasil” apresentando uma “visão progressista no campo da cultura” (MICHELON & LEAL, 2014, p. 14).

Após mais de uma década sem políticas em nível federal para o setor museológico, no ano de 2003 o cenário começou a mudar. Houve no IPHAN a criação do Departamento de Museus (DEMU), “resultado da organização de entidades e trabalhadores em museus que discutiam o desenvolvimento da área” (LEAL, 2019, p. 62). Em razão desta movimentação, no setor museológico, começou a haver mais investimentos da área de museus no Brasil, e ainda em 2003 foram publicadas as bases para uma Política Nacional de Museus (PNM), lançada na gestão do Ministro da Cultura Gilberto Gil. Conforme Nascimento Júnior (2014), a Carta de Rio Grande⁴, do ano de 2002, foi uma das bases utilizadas para a elaboração da PNM, que se tratava de uma demanda antiga do setor museológico, e que foi criada com o objetivo de fortalecer e organizar as instituições museais do país.

Neste período mudanças importantes no que se refere às políticas culturais no país começaram a ocorrer. Salienta-se o fato de que “A política foi construída em parceria permanente com a comunidade museológica” (LEAL, 2019, p. 63). Desta forma, mais conectada com a realidade do setor, as ações puderam ser pensadas a partir de sete eixos, como destaca Leal (2019):

Gestão e configuração do campo museológico; democratização e acesso aos bens culturais; formação e capacitação de recursos humanos; informatização de acervos; modernização de infraestruturas museológicas; financiamento e fomento para museus e aquisição e gerenciamento de acervos culturais (LEAL, 2019, p. 63).

A partir disso, várias ações, programas e políticas passaram a ocorrer no campo museológico. Institucionalizou-se em 2004, o Sistema Brasileiro de Museus

³ No ano de 1990 o presidente da república Fernando Collor de Mello extinguiu o Ministério da Cultura, extinguindo assim também o sistema nacional de museus.

⁴ Documento final do 8º Fórum Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, realizado no mês de maio de 2002, em Rio Grande.

(SBM), que foi implementado como forma de fiscalização e acompanhamento da PNM. Em 2009 foi criado o Estatuto dos Museus, através da lei 11.904, que foi a “primeira legislação brasileira que definia o que era museu e o que era necessário para o seu funcionamento” (LEAL, 2019, p. 64). Ainda no ano de 2009 foi criado o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), com a finalidade de “promover e assegurar a execução de políticas públicas para o setor museológico, contribuindo para a organização, gestão e desenvolvimento de instituições museológicas e seus acervos” (IBRAM, 2018, p. 06).

Podem-se citar, ainda, outras iniciativas importantes na trajetória do setor museológico do país como o Fórum Nacional de Museus, criado em 2004, para a discussão, acompanhamento e avaliação das diretrizes da PNM; a elaboração do Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM), em 2010, que se trata de documento que propõe eixos estruturantes para a política de museus; o Programa Nacional de Educação Museal (PNEM), criado em 2011 pelo IBRAM, que lançou as bases para a construção de programas educacionais em museus. Além disso, destacam-se ações no âmbito no MinC, como:

O desenvolvimento de linhas específicas de financiamento, tanto no executivo, quanto em instituições bancárias, o desenvolvimento de fóruns nacionais, de cursos de formação em todas as regiões do país, ações de difusão, como a Semana dos Museus e a Primavera dos Museus, e o Cadastro Nacional de Museus, que mapeou mais de 3000 instituições no território brasileiro (LEAL, 2019, p. 64).

No âmbito do Rio Grande do Sul, muitas ações foram realizadas através do Sistema Estadual de Museus em parceria com a SEDAC/RS. Oficinas, cursos de formação, convênios, encontros e diversas ações ocorreram no final dos anos de 1990 no estado. Segundo Nascimento Junior, o IBRAM adotou muitas ações originadas no Sistema Estadual de Museus do RS. Conforme o antropólogo, o Sistema Estadual de Museus do RS “foi um laboratório, que não tinha a intenção de o ser, mas que fez com que fossem testadas diferentes ações, das quais muitas acabaram compondo a agenda do IBRAM.” (MICHELON E LEAL, 2014, p. 15). No trecho a seguir, Nascimento Junior relata algumas ações que foram criadas no órgão:

Uma dessas foi a Semana dos Museus. Esta ideia no Rio Grande do Sul foi, ano a ano, agregando mais municípios. Todos acabavam querendo ter o seu nome no cartaz da Semana, mas para tanto, cada município devia enviar sua programação para a Secretaria. Não há uma ação da política nacional de museus que não foi, em maior ou menor grau, testada no Rio

Grande do Sul. Este foi o primeiro Estado a fazer o cadastro dos seus museus, inclusive, neste cadastro foram sendo agregados os dados de outros Estados e se chegou a elencar 1200 museus. Este cadastro, que aplicado nacionalmente levantou mais de 3 mil museus é, ainda, uma peculiaridade. Sabíamos que este era um instrumento indispensável para a construção de uma política pública nesta área (MICHELON; LEAL, 2014, p. 15).

Os instrumentos citados foram fundamentais para o crescimento do setor museológico no país, e dentro deste cenário, começou uma efervescência das instituições museais, o que aumentou a necessidade de formação de profissionais capacitados para atuarem neste mercado de trabalho. Aliado ao surgimento dessas políticas públicas relacionadas à área museológica, outras políticas na área da educação, como o Plano de Estruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI) e o Plano Nacional de Educação (PNE), ambos de 2007, estimularam ainda mais a criação de cursos voltados para a área.

Acredita-se que as ações em prol do crescimento e do fortalecimento das instituições museais despertaram nas instituições de ensino superior e na sociedade civil o reconhecimento da importância de formar profissionais aptos a trabalhar nesses espaços (TANUS, 2013, 82).

Em meio a este contexto e a toda essa movimentação no cenário museológico do país, é que surgiu os Bacharelado em Museologia e em Conservação e Restauração de Bens Culturais da Universidade Federal de Pelotas, cursos fundamentais que estão na origem da Rede de Museus da UFPel, e que serão discutidos no próximo subcapítulo.

2.2A trajetória da UFPel na área do patrimônio

Como mencionado na introdução deste trabalho, a UFPel situa-se na cidade de Pelotas-RS, que é reconhecida pela estreita relação com seu patrimônio histórico e cultural. Essa aproximação com as questões patrimoniais foi sendo construída na cidade, principalmente no final dos anos de 1970, a partir da publicação da Carta de Pelotas⁵, que representa um marco na mobilização do poder público com relação às políticas públicas municipais na área do patrimônio. “Pode-se dizer que a Carta de Pelotas foi o parâmetro inicial para os representantes do povo se conscientizar da importância das políticas públicas patrimoniais como estratégia de governo”

⁵ Publicada em 21 de abril de 1978, a Carta de Pelotas foi resultado de um Encontro que ocorreu em Pelotas, que contou com a presença da Comissão de Patrimônio Histórico do Departamento do Rio Grande do Sul do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RS).

(TAVARES RIBEIRO, 2013, p. 46). Pouco tempo depois, no ano de 1980 a preservação do patrimônio na cidade ganhou instrumento de proteção “com a aprovação do II Plano Diretor da cidade, [em que] são introduzidos os primeiros conceitos de preservação em nível municipal” (ALMEIDA, 2013, p. 20).

Inserida neste contexto, a UFPel, que foi criada no ano de 1969, foi estabelecendo, ao longo dos anos, uma relação cada vez mais próxima com a área do patrimônio histórico e cultural. Essa trajetória da instituição culminou na criação dos Bacharelados em Museologia e em Conservação e Restauração de Bens Culturais, respectivamente nos anos de 2006 e 2008, e no curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, com Mestrado em 2006 e Doutorado em 2012, proporcionando assim uma formação completa na área patrimonial. Para Ferreira (2013), o desenvolvimento dos cursos na área “foi ao mesmo tempo, influenciado pelo contexto da cidade e região no qual se encontra, e uma consequência de ações voltadas ao campo da memória e patrimônio que caracterizaram seu corpo docente de origem” (FERREIRA, 2013, p. 31).

O ambiente em que a universidade está inserida e desempenha as suas funções educativas, pode ter sido um fator que teve influência para que, atualmente, a universidade possua uma área patrimonial fortalecida. Mas, ao mesmo tempo, a universidade não foi um agente passivo no desenrolar dessa trajetória, e também desempenhou um papel importante nesse cenário, estando inserida em muitos momentos de destaque no que tange a valorização do patrimônio cultural, incluindo a criação da Carta de Pelotas, mencionada anteriormente.

Uma das origens da cultura de valorização do patrimônio no contexto da universidade está na década de 1980, com a criação do Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira (NEAB) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da UFPel. Estando na ativa até os dias de hoje, o *site* do projeto aponta que “o NEAB desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão voltadas à preservação do patrimônio cultural da região sul do Rio Grande do Sul”. As suas ações, que atualmente não se restringem à UFPel, sendo voltadas também ao patrimônio da cidade de Pelotas e região, iniciaram com o desejo em “documentar e registrar edificações de interesse patrimonial para a cidade, em um período em que a preservação do patrimônio em Pelotas era ainda incipiente” (OLIVEIRA; SILVEIRA, 2019, p. 45).

Ao longo dos anos 1990 e 2000, foram criados na universidade alguns cursos, em nível de pós-graduação, que começaram a dar corpo a essa à área do patrimônio cultural da UFPel. No ano de 1996 iniciou o Curso de Especialização em Patrimônio Cultural – Conservação de Artefatos, ofertado pelo Centro de Artes (CA) da instituição, que atuou até 2009, e em 2003 foi criada a Especialização em Memória, Identidade e Patrimônio, ofertado pelo Instituto de Ciências Humanas (ICH).

Ao longo dos anos 2000, as ações de preservação e valorização do patrimônio em Pelotas foram ganhando espaço e se solidificando, trazendo avanços para a área do patrimônio da cidade. Segundo Almeida e Bastos (2006), essas ações foram resultado da união de técnicos do poder público e da UFPel, que criaram o Sistema Municipal de Preservação Cultural (SIMPAC). Esse Sistema propunha a discussão de temas relevantes para a preservação do patrimônio na cidade, e resultou na Lei 4568/2000, “que é o atual instrumento legal utilizado pelo Poder Público” (ALMEIDA E BASTOS, 2006, p. 102). Na sequência da criação da lei, no ano 2001 foi criada a Secretaria de Cultura (SECULT) da cidade, e uma ampliação do corpo técnico voltado para a área do patrimônio. Ainda no início dos anos 2000 o município foi contemplado pelo programa federal Monumenta⁶ que estabeleceu estratégias em que houve uma descentralização das políticas de preservação do patrimônio, o que fortaleceu a autonomia da cidade, dinamizando, desta forma, o processo de preservação do patrimônio. Essas ações motivaram a execução de vários outros processos que promoveram o crescimento e fortalecimento da área patrimonial da cidade de Pelotas.

Além disso, a relação da UFPel com o patrimônio também pode ser observada através do seu conjunto edificado, que conta com prédios históricos de grande destaque na paisagem da cidade. Embora a universidade tenha completado cinco décadas de existência recentemente, ela possui unidades que são muito mais antigas, que passaram a fazer parte da UFPel quando esta foi criada em 1969. Vários prédios antigos que abrigavam essas unidades de ensino superior passaram a fazer parte do patrimônio da Universidade. “Um deles (a Faculdade de Direito) foi

⁶ O Monumenta foi um Programa Federal que ocorreu de 1996 até 2010 que propunha um plano de preservação e requalificação do patrimônio cultural tanto material quanto imaterial, em prédios públicos e privados, não só em edificações, mas também em espaços públicos (praças, largos, etc.), além de ações de educação patrimonial, através de atos executadas e coordenadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). As ações de preservação iam do restauro em si até a qualificação de mão de obra competente para atuar nos bens patrimoniais.

construído para ser escola. Os demais tinham funções diferentes: eram, originalmente, residências que, quando tornadas escolas, foram modificadas para adaptarem-se a nova função” (MICHELON, 2013, p. 40). Com o passar do tempo, outros prédios de valor histórico foram sendo adquiridos pela universidade, “foi o caso dos prédios do Banco do Comércio, onde hoje funciona o Centro de Integração do Mercosul, do Grande Hotel e do Casarão Barão de Cacequi⁷ (Museu do Doce)” (MICHELON, 2013, p. 40). Cabe ainda destaque aos prédios industriais que hoje em dia também pertencem à UFPel, como o Anglo e a Laneira, entre outros.

Com isso, pode-se deduzir que, embora a cidade em que a UFPel está inserida tenha tido influência na criação dos cursos voltados para a área do patrimônio, também é possível observar que a UFPel teve um papel ativo nessa trajetória, estando presente no desenvolvimento de ações de valorização do patrimônio que hoje traz destaque para a cidade de Pelotas, sendo portanto, a formação desta cultura o resultado de um esforço mútuo, que somou esforços de várias pessoas vinculadas à diferentes áreas de atuação.

Baseado na Política Nacional de Museus criou-se os cursos voltados para a área do patrimônio na universidade, que “passaram a constituir a área de Memória e Patrimônio do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas” (BACHARELADO EM MUSEOLOGIA, 2016, p.15). Desta forma, foi se fortalecendo na universidade uma cultura de valorização do patrimônio cultural, que

Apontavam para a implantação de cursos como instância de consolidação de um projeto maior: o de tornar a cidade e a Universidade Federal de Pelotas centros de referência e formação de profissionais capacitados a atuar nas áreas de gestão de memória, proteção e salvaguarda do patrimônio cultural, revitalização de centros históricos, restauração de bens patrimonializados e educação para o patrimônio (CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS, 2016, p. 16).

Como já salientado anteriormente, a formação profissional na área do patrimônio na UFPel, não ocorreu de forma isolada do contexto estadual e nacional. Alguns acontecimentos políticos direcionaram para essa valorização. Esse cenário político brasileiro de valorização do setor museológico está delineado no Projeto Político Pedagógico do Bacharelado em Museologia da UFPel:

No plano nacional, em 2006 estava se configurando os fundamentos de uma Política Nacional de Museus, levada a termo pelo Ministério da Cultura

⁷ A nomenclatura Casarão Barão de Cacequi não é mais utilizada atualmente. Hoje em dia, o prédio que abriga o Museu do Doce é conhecido como a Casa do Conselheiro Maciel.

na gestão do Ministro Gilberto Gil. Nos marcos dessa Política, que passou a vigorar a partir de 2007, foram postos em funcionamento o Sistema Brasileiro de Museus, importante rede de articulação dos museus nacionais, o Cadastro Nacional de Museus, as bases do que seria o então Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e marcos regulatórios fundamentais para o exercício profissional e das unidades museológicas no território nacional (BACHARELADO EM MUSEOLOGIA, 2016, p. 10).

Com o crescimento do campo museológico, a necessidade de profissionais capacitados aumentou o que estimulou a criação de cursos voltados para a área,

Como um dos elementos dessa política que configurava um novo cenário museológico, a formação profissional foi um dos aspectos de grande ênfase, sendo as instituições federais de ensino superior instadas a elaborar projetos para implantação de Cursos de Museologia (BACHARELADO EM MUSEOLOGIA, 2016, p. 10).

A partir deste contexto, que se configurou tanto no cenário Nacional quanto regional, criou-se “ao longo do tempo um ambiente propício e uma demanda pelo desenvolvimento de ações qualificadas para a preservação e a recuperação dos bens patrimoniais” (CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS, 2016, p. 10). Sendo assim, outras ações e iniciativas foram sendo implementadas na Universidade no sentido de enriquecer e melhor desenvolver a atuação dentro deste campo. A partir da solidificação destas bases, que ações voltadas para o patrimônio universitário foram sendo desenvolvidas, e foi dentro deste contexto que nasceu no ano de 2017 a Rede de Museus da UFPel.

No que se refere à trajetória da UFPel dentro do campo de interesse deste estudo, que se refere não apenas ao patrimônio cultural, mas também aos museus e coleções que fazem parte da Universidade, vale destacar também a criação da primeira instituição museal da UFPel, o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR), que foi fundado no dia 21 de maio de 1970. O MCNCR nasceu através da coleção do industrial e naturalista autodidata Carlos Ritter (1851 – 1926). Após o seu falecimento, a sua coleção, composta por aves taxidermizadas, insetos e quadros que apresentam mosaicos feitos a partir de insetos, foi doada por sua esposa à Escola de Agronomia Eliseu Maciel, que hoje pertence à Universidade Federal de Pelotas. Ao fim dos anos de 1980, o museu passou a fazer parte do Instituto de Biologia.

Após a criação deste primeiro museu, outras iniciativas e espaços museais, físicos e virtuais, bem como projetos museológicos, memoriais, acervos e coleções⁸ foram constituindo a cultura museológica da universidade, e fortalecendo a sua área patrimonial, o que reforçou a necessidade da criação da Rede de Museus da instituição, o que será discutido no próximo capítulo.

⁸ Atualmente a Rede de Museus é composta pelos museus físicos: Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Museu do Doce, Museu das Telecomunicações, MUARAN – Museu Arqueológico e Antropológico; pelos museus virtuais: Museu das Coisas Banais; Museu Afro-Brasil Sul, Museu Diários do Isolamento (MuDI), Museu do Judô; pelos projetos museológicos: Projeto de Extensão “Museu da Colônia Francesa”, Projeto de Extensão “Museu Grupelli”, Projeto de Extensão “Museu Etnográfico da Colônia Maciel”, Projeto de extensão “Museu Histórico de Morro Redondo”; pelos acervos e coleções: Herbário Pel, Discoteca L. C. Vinholes, Fototeca Memória de Pelotas, Centro de Memória e Pesquisa Hisales – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares, LEPAARQ – Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia, Acervo do Choro de Pelotas, Núcleo de Documentação Histórica Professora Beatriz Loner; e ainda pelo Memorial do Anglo e pelo Planetário da UFPel.

3 As Redes de Museus

Neste capítulo será abordado mais profundamente a Rede de Museus. Inicialmente, o capítulo discorrerá sobre o tema das redes de trabalho e das redes de museus através de uma perspectiva mais geral. Na sequência, será abordada a Rede de Museus da UFMG, relatando aspectos de como se deu o seu desenvolvimento e a sua atuação nos dias atuais. Ao final do capítulo, será apresentada a Rede de Museus da UFPel, abordando sua trajetória, suas atividades e uma análise acerca da sua atuação.

As redes de museus configuram-se como redes de trabalho, e as redes de trabalho, por sua vez, estão inseridas na sociedade em diferentes setores. Segundo Carvalho (2008), a ideia de trabalho em rede trata-se de um modelo de organização social observado por Manuel Castells⁹, que começou a se popularizar no final do século XX. Esses novos modelos de trabalho configuram-se como sistemas de gestão integrada que atuam no sentido de gerar “uma rede de fluxos capazes de criar novos paradigmas de gestão mais dinâmicos, flexíveis e descentralizados, por serem estruturas abertas” (CARVALHO, 2008, p. 19).

Os sistemas de rede, aplicados nos processos de gestão podem ser caracterizados como a “institucionalização dos sistemas de parceria” (CARVALHO, 2008, p. 221). Este novo modelo está mais conectado com a atualidade, pois permite a troca de informação e de conhecimento, sendo apontado desta forma, como um modelo mais democrático de gestão. Conforme a autora, “a sociedade em rede reside na base da sociedade democrática” (CARVALHO, 2008, p. 21). Para Novaes (2018), a rede trata-se de

Um conjunto de elementos não estruturados ou reestruturáveis integrados – também chamados de nós e conexões. Além disso, a rede evolui através da atividade colaborativa (adjunção) entre seus elementos, da reunião de novos componentes acolhendo novos nós e conexões e também por meio da reavaliação dos componentes mais antigos, realizando releituras e modificando certos nós e conexões (NOVAES, 2018, p. 182).

⁹ Sociólogo espanhol, autor do livro ‘A Sociedade em rede’ de 1996.

No âmbito dos museus, conforme aponta Soares (2020), as redes surgiram na década de 1980 “como novas estratégias de articulação no cenário internacional” (SOARES, 2020, p. 97). No contexto brasileiro, segundo Carvalho (2008), as primeiras experiências relacionadas às redes de museus começaram a surgir também na década de 1980, tendo sido a primeira experiência oficial em escala nacional o Sistema Nacional de Museus, em 1986, como foi apontado no capítulo anterior. Embora tenha surgido nos anos de 1980, esse modelo de gestão na esfera dos museus só passou a se consolidar no final da década de 1990.

Embora muitos autores considerem que sistemas e redes se tratem da mesma dinâmica, Novaes (2018) destaca que há diferença entre estas formas de trabalho. Para a autora, “um sistema, geralmente, tem uma estrutura hierarquizada. Já uma rede se estrutura de maneira horizontal, criando relações desburocratizadas possibilitando uma troca mais direta entre os seus elementos” (NOVAES, 2018, p. 182).

As experiências do modelo de gestão em rede aplicada aos museus originaram-se de uma trajetória no campo museológico que apontava para modelos de gestão mais democráticos. Os novos conceitos de museus foram surgindo ao longo da segunda metade do século XX, após a criação do ICOM no ano de 1946, que se trata de um conselho que reúne profissionais do mundo todo. Desde a sua criação, o ICOM sempre incentivou e promoveu debates na área museológica, o que acabou estabelecendo noções mais modernas, tornando os espaços museais mais dinâmicos e conectados com a realidade atual.

No seu novo significado, [os museus] já não são casas de memória que representam o passado, mas espaços vivos que incluem ações mais complexas e voltadas para a comunicação com seus públicos ocupando um espaço fundamental na vida social do homem contemporâneo (CARVALHO, 2008, p. 12).

Essas novas noções de museus propiciaram o modelo de gestão em rede, acompanhando uma tendência que já estava se estabelecendo em um contexto social, político e econômico. Esse novo modelo permite a construção de discursos múltiplos vinculados a ideias baseadas na troca de experiências, informações e conhecimentos. Carvalho (2008) aponta que:

Os sistemas e redes de museus constituem um novo modelo de gestão administrativa que procura reforçar o diálogo entre os governos e as instituições museológicas, e destas entre si, traçando um panorama de

compartilhamento no contexto de sociedades democráticas (CARVALHO, 2008, p. 41).

Em um âmbito nacional, temos no Brasil a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, que foi oficializada no ano de 2017, e funciona a partir de sua associação, formada por voluntários - profissionais, alunos, professores, técnicos e demais interessados. As reuniões e debates do grupo geralmente acontecem de forma virtual, ocorrendo encontros presenciais esporádicos que ocorrem paralelos a eventos da área museológica. Seu objetivo é

Buscar uma compreensão de quem são esses museus universitários, quantos são, quais são os desafios enfrentados pelas instituições, quais são as potencialidades desses museus, os desafios, a necessária busca de reconhecimento desses museus internamente e externamente, dentro das próprias universidades que por vezes desconhecem os museus e coleções que possuem, e uma proposição de política pública para o setor, proteção e divulgação dessas coleções de museus universitários. (SILVA, 2019 *apud* SOARES, 2020, p. 98).

No contexto dos museus universitários, estas redes configuram-se como importantes centros que reúnem professores, técnicos e alunos que atuam na área do patrimônio universitário. A união destes agentes “é significativa para discussão de temas pertinentes às questões relacionadas aos acervos, definindo ações e políticas importantes para a sua salvaguarda e valorização” (PEREIRA; BOJANOSKI, 2020, p. 189).

A importância da formação das redes de museus no âmbito universitário é ratificada pela Carta do Rio de Janeiro Sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia. Este documento foi elaborado no IV Seminário Internacional de Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia, realizado no Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, em dezembro de 2016. O documento traz diversas considerações que atestam a relevância dessa categoria de bem patrimonial, apresentando definições, objetivos e apontando diretrizes para área do patrimônio científico que “contribuam para a construção de políticas que visem sua salvaguarda” (CARTA DO RIO DE JANEIRO, 2016). A primeira diretriz que é apontada no documento refere-se à necessidade do trabalho em rede no que se refere aos bens culturais, em especial ao patrimônio científico:

Incentivar a prática de trabalho em rede, em diversas instâncias administrativas e órgãos públicos e privados cuja atribuição institucional envolva a inventariação, conservação e comunicação de bens culturais, e o desenvolvimento de programas e projetos particularmente relacionados ao

Patrimônio Cultural da Ciência e da Tecnologia (CARTA DO RIO DE JANEIRO, 2016).

As coleções científicas que estão sob a guarda das universidades públicas brasileiras, em sua grande maioria, enfrentam sérios problemas. Ao analisar um recorte da realidade das coleções científicas nas instituições públicas da esfera federal, analisando os casos da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), a pesquisadora Novaes (2018) apontou algumas dificuldades observadas nestas instituições ao longo de sua pesquisa: “não há infraestrutura, nem recursos humanos, financeiros e materiais suficientemente disponíveis para a preservação e gestão dessas coleções, caracterizando-se, assim, um patrimônio em situação de vulnerabilidade”. (NOVAES, 2018, p. 179). Em ambos os casos estudados por Novaes (2018), após a autora realizar um levantamento e análise das redes e sistemas de museus existentes em universidades públicas brasileiras, ela sugere que uma rede de trabalho auxiliaria na resolução dos problemas encontrados nas instituições. Segundo Novaes (2018):

A organização de uma rede de apoio unindo as coleções e os museus das instituições possibilitaria uma melhor articulação entre os gestores e demais técnicos e docentes envolvidos com esses acervos, viabilizando de maneira mais facilitada o compartilhamento de ideias, além da união de esforços para a busca de melhores soluções para os seus problemas em comum e gerar uma demanda coletiva dentro das universidades. Manterem-se isoladas deixa suas necessidades – que são iguais – pulverizadas, dificultando a sua resolução (NOVAES, 2018, p. 188).

É importante destacar também que os gestores que, em geral se originam da área de especialidade do museu, e, muitas vezes, desconhecem preceitos básicos da área museológica, e em razão da falta deste conhecimento e da falta de profissional especializado no quadro de funcionários, acabam dando um direcionamento inadequado no que se refere a esses espaços. Soma-se a este problema o fato de haver mudanças periódicas na direção destes museus, o que muitas vezes acarreta a descontinuidade de programas e ações. Neste sentido,

É possível considerar as redes como uma grande oportunidade de estreitamento conceitual entre temas que dizem respeito à ciência da informação e à organicidade de informação em museus, tornando esta primeira um arcabouço teórico sólido ao problematizar temas que dizem respeito à gestão de museus em sentido mais prático (SOARES, 2020, p. 102).

É válido ainda frisar que a união dos representantes das coleções museológicas universitárias também pode se destacar e ser relevante no que se

refere a conquistas na área museológica, pois as lutas, que antes se davam em um campo mais individual, ganham força ao serem incorporadas a um grupo maior. Além disso, é possível ainda “otimizar recursos para gerar maior organicidade no planejamento e execução de projetos entre seus membros” (SOARES, 2020, p. 18).

É importante destacar, também, que no interior das universidades, muitas coleções não pertencem aos museus universitários, e estas coleções muitas vezes correm o risco de se perder. Em grande parte dos casos, estas coleções estão depositadas em espaços e salas, sem nenhum critério de acondicionamento. Frequentemente contam apenas com a boa vontade de professores e pesquisadores com interesse na coleção. Conforme Novaes (2018, p. 123) “são coleções mais restritas e estão depositadas em locais que não contam com a mesma infraestrutura que um museu pode oferecer”. Neste sentido, é importante destacar que as redes de museus universitárias devem incluir também estas coleções, e não apenas as instituições museológicas da universidade.

Portanto, as redes de trabalho, aplicadas ao âmbito dos museus universitários aparenta ser:

Uma eficaz maneira de gerar maior organicidade no fluxo, além de possibilitar o intercâmbio no que tange aos conteúdos informacionais, contribuições essas importantes para o processo de preservação da memória institucional (SOARES, 2020, p. 103).

A partir do que foi exposto nesse subcapítulo, destaca-se a relevância das redes de museus universitárias como importantes ferramentas que auxiliam na gestão dos museus e coleções universitárias.

3.1 A Rede de Museus da UFMG

A Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) existe desde o ano 2000 e se constitui como a primeira Rede de Museus universitária do país. Atualmente, ela está institucionalizada na Pró-Reitoria de Extensão, se configurando como uma coordenadoria, mas o seu surgimento se deu de maneira informal, a partir da articulação voluntária entre integrantes de unidades e setores com ações na área museológica da universidade objetivando “a conjugação de forças, o compartilhamento e a promoção de boas práticas em seus espaços integrantes” (REDE DE MUSEUS UFMG, 2020).

Segundo Soares (2020), a ideia da construção de uma rede de museus na Universidade surgiu através de uma demanda da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, que queria solucionar problemas relacionados ao mobiliário dos museus da instituição. Para tentar resolver estas questões, o Pró-Reitor de extensão da época, Edson Correa, procurou a professora da disciplina 'Arquivos e Museus' do Departamento de História da Universidade, Betânia Figueiredo. Através deste encontro e dos temas ali discutidos para resolver as questões relacionadas à demanda, foi constatado que os espaços museais da UFMG não interagem entre si, o que foi considerado um grande problema. A solução pensada pelo então Pró-Reitor, que era professor do Curso de Medicina, foi fazer uso do trabalho em rede, estratégia que já era utilizada na sua unidade de origem. A partir dessa conjuntura que se iniciaram os primeiros passos na construção da Rede de Museus da UFMG. A professora Betânia Figueiredo, que se uniu ao projeto de forma voluntária, tornou-se a primeira coordenadora da Rede entre os anos 2000 e 2004.

A professora Rita de Cássia Marques, da Escola de Enfermagem da UFMG, que foi coordenadora da Rede de Museus de 2013 a 2017, e participa do programa desde o seu início, concedeu uma entrevista para a realização deste trabalho em que falou um pouco a respeito desse início da Rede. Conforme Marques (2021), o projeto surgiu a partir da confluência de vários interesses, tanto dos coordenadores dos espaços museais, quanto do Pró-Reitor de extensão da época, quanto da professora Betânia Figueiredo. Marques (2021) mencionou que os primeiros passos para a formação da Rede foram dados ainda no ano de 1999, quando ela trabalhava no Centro de Memória da Medicina de Minas gerais (CEMEMOR), na Faculdade de Medicina da UFMG, em um projeto de preservação e organização do acervo desta unidade. Neste ano, o então Pró-Reitor de extensão

Reuniu um grupo de coordenadores de museus e espaços de ciência para discutir a possibilidade de criar um Programa que reunisse os diversos projetos sobre museus na UFMG. Segundo ele, um programa de extensão, teria muito mais força política e condições de conseguir financiamento mais significativo para a área de museus, do que projetos individuais. Juntos poderíamos mais! (MARQUES, 2021).

Nesta época, não existia o Curso de Museologia na Universidade, e nem estratégias voltadas para a área. Em um primeiro momento a Rede reuniu alguns poucos espaços, e pensando em conectar esses espaços e “costurar pontos de

comunicação entre eles” (SOARES, 2020, p. 110), é que surgiu uma das primeiras ações da Rede:

Um curso de formação com carga horária distribuída entre encontros presencial e à distância com acesso à internet, sendo que a carga horária presencial era itinerante pelos museus, possibilitando dessa forma ao funcionário de um espaço conhecer o espaço de trabalho de seu colega (SOARES, 2020, p. 110).

Outra iniciativa que está na raiz das ações da rede, e foi utilizada como uma forma de estratégia para conectar os espaços museais foi a utilização de temas para promover encontros anuais “entre diretores para discutir o que significava um museu contemporâneo” (SOARES, 2020, p. 111).

Assim, aos poucos começava a surgir a rede, que não era institucionalizada, não tinha local no organograma da universidade, tinha uma coordenação informal, e tratava-se de um acordo informal. Aos poucos, os diretores perceberam que se unissem forças haveria mais potencial no momento de solicitar recursos, de demonstrar importância, construir indicadores básicos como números de visitantes, perceber os pontos fortes e os pontos fracos em cada um desses espaços. Segundo Betânia Figueiredo, a primeira atuação da rede foi basicamente conhecer uns aos outros, e os museus pudessem se apresentar como grupo diante da reitoria e fora da UFMG (SOARES, 2020, p. 111).

Como foi mencionado por Marques (2021), um dos objetivos iniciais da Rede de Museus era unir esforços para tentar garantir maior financiamento na área dos museus na universidade. Soares (2020) aponta que já em seus primeiros anos de funcionamento a Rede conseguiu atingir este objetivo. Segundo a autora, no ano de 2004 a UFMG teve seis programas ligados a Rede que foram contemplados com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Na época, havia “dificuldade no Brasil de conseguir investimentos a museus de natureza variada, principalmente aqueles eminentemente científicos” (SOARES, 2020, p. 109). A conquista foi relacionada com a força que a Rede de Museus vinha adquirindo para a área, como comentou a coordenadora da Rede de Museus da época, Betânia Figueiredo:

Há três anos houve um edital semelhante e a UFMG não se sentiu em condições de concorrer. Agora disputamos e tivemos um aproveitamento de 100% de nossos projetos. Isso mostra que a Rede de Museus da Universidade já possui viabilidade junto às agências financiadoras. (REDE DE MUSEUS UFMG, Boletim UFMG, 2004, *apud* SOARES, 2020, p. 109).

A institucionalização da Rede trouxe vários benefícios para o projeto, como uma sala própria, funcionários, bolsistas e a aprovação do seu regimento pelas

instâncias superiores da UFMG. A comunicação entre os seus membros se dá em reuniões, que ocorrem bimestralmente. Há também a realização de eventos que promovem discussões no âmbito museológico, além da sua presença no mundo virtual, através do seu *site* oficial, *Instagram* e *Facebook*, o que permite maior interação com o público. Além disso, atualmente, a Rede de Museus da UFMG reúne não apenas museus, mas também centros de memória, centros de referências, coleções e demais espaços que tenham no escopo de suas ações o incentivo a produção e a divulgação do conhecimento científico a partir da universidade. Os diferentes espaços que fazem parte da Rede funcionam de forma autônoma.

Além destes aspectos, a Rede de Museus da UFMG foi muito importante para o crescimento da área museológica da universidade, inclusive no que se refere à criação de cursos voltados para a área, como afirma Marques:

A Rede cresceu e se profissionalizou, com o trabalho conjunto, melhoramos a condição física dos espaços, com editais exclusivos conseguimos os bolsistas tão necessários para a manutenção dos espaços abertos. Entramos na luta pela criação de cursos que poderiam colaborar e ao mesmo tempo usufruir os espaços da Rede para ensino e a pesquisa como: Museologia, Arquivologia, Conservação e Restauro. Hoje temos bolsistas e estagiários de diversos cursos se qualificando nos museus da UFMG, seja em projetos de ensino e pesquisa. Nas reuniões bimestrais da Rede, os coordenadores podem trocar ideias, pensar coletivamente e se sentirem menos isolados. Há muito que ser feito ainda, mas temos a sensação que estamos no caminho certo (MARQUES, 2020).

Embora a Rede de Museus faça parte da-Pró Reitoria de Extensão, Marques (2021) destacou em sua entrevista que há uma parceria com a Pró-Reitoria de Pesquisa, que oferece bolsas para trabalho em projeto de pesquisa-extensão nos museus. A professora salienta ainda que há uma luta para a construção de um projeto com a Pró-Reitoria de Graduação, pois a equipe entende que os museus são espaços propícios para atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Após 20 anos de existência, a Rede de Museus da UFMG está passando no momento por um processo de reestruturação. O seu atual Regimento apresenta a seguinte missão: “a articulação e a proposição de políticas para o desenvolvimento de ações nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão, relacionadas aos Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG” (REDE DE MUSEUS UFMG, 2020). O artigo 3º do regimento reforça ainda que para o cumprimento da missão é

necessário que seja promovida a comunicação entre os espaços que integram a Rede.

Ainda no mesmo documento, são apresentados os objetivos da Rede de Museus da UFMG:

- I - Pensar, debater e propor políticas de acervo, bem como diretrizes para as ações dos museus e espaços de ciências e cultura da Universidade, em consonância com as propostas da UFMG e com as respectivas políticas nacionais de preservação do patrimônio científico e cultural;
- II - Promover a gestão integrada e responsável de programas e projetos, por meio de processos participativos;
- III - Promover a capacitação e atualização científica, tecnológica e cultural de professores, estudantes e profissionais que atuam nos diferentes espaços integrantes da Rede de Museus;
- IV - Promover o acesso das comunidades interna e externa ao patrimônio universitário;
- V - Divulgar a missão, as ações e potencialidades da Rede de Museus entre instituições congêneres, universidades e instituições de ensino e pesquisa locais, regionais, nacionais e estrangeiras, visando promover o intercâmbio e estabelecer parcerias;
- VI - Apoiar e fomentar o intercâmbio científico, tecnológico e cultural entre os espaços integrantes da Rede de Museus e entre estes e as comunidades interna e externa à UFMG;
- VII - Manter informações atualizadas sobre acervos, visitantes, eventos e atividades dos membros da Rede de Museus.

Ao longo de sua história com mais de 20 anos de atuação, a Rede de Museus da UFMG possui uma trajetória com diversas experiências que caminharam na direção do desenvolvimento de práticas que contribuíram com o crescimento da área museológica da instituição. Para Letícia Julião, atual coordenadora da Rede de Museus da UFMG é importante que o trabalho e as atividades desenvolvidas atuem “na perspectiva da preservação do patrimônio histórico, cultural e científico da universidade, independentemente deste patrimônio estar sob o abrigo de um espaço ou de um museu” (REDE DE MUSEUS UFMG, 2021), o que demonstra que a Rede de Museus da UFMG atua no sentido de desenvolver estratégias que contribuam com o patrimônio universitário como um todo, e não apenas daqueles que estão sob tutela dos espaços museais.

3.2 A Rede de Museus da UFPel

No ano de 2017 foi criada na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da UFPel, através da Coordenadoria de Patrimônio Cultural e Comunidade, a Rede de

Museus, que se trata de um órgão suplementar da PREC que atua através da sua missão de

Unir os museus e processos museológicos para a implantação e manutenção de uma política para a área, de forma a desenvolver ações de gestão, valorização do patrimônio museológico e de aproximação com a comunidade (REDE DE MUSEUS UFPel, 2017).

Embora a criação da Rede tenha se dado apenas no ano de 2017, é importante salientar que já havia na Universidade, anteriormente, o desejo de criar um setor que cuidasse dos museus e acervos. Ao contrário da UFMG, a UFPel, como visto no primeiro capítulo, já possuía uma trajetória na área do patrimônio e dos museus, e a Rede surgiu como resultado da articulação e esforços de professores que fazem parte do Departamento de Museologia e Conservação e Restauração. A professora Noris Leal do curso de Museologia da UFPel, que foi a primeira coordenadora da Rede de Museus, concedeu uma entrevista para a realização deste trabalho, em que relata o cenário em que se deu esse processo. Ela destacou que o fato de os museus da universidade estarem ligados cada um a uma unidade, e não a uma administração central, fazia com que estes espaços tivessem ações muito heterogêneas, dependentes das vontades das direções a que estavam vinculadas, e por isso era importante a criação deste setor.

Segundo Leal (2021), a primeira tentativa de estabelecer um setor voltado para os museus de forma institucionalizada na Universidade, foi na gestão do Reitor Mauro Del Pino¹⁰. Nesta época, uma pequena comissão de professores do Instituto de Ciências Humanas (ICH) procurou a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, para buscar alternativas que atendessem às suas demandas. Com o tempo, a comissão se ampliou, passando a contar com diretores de museus e professores responsáveis por projetos na área, e as discussões começaram a se direcionar para a criação de um Núcleo de Museus, o que acabou não se efetivando, pois o Pró-Reitor de Extensão e Cultura da época, professor Antônio Cruz, saiu da gestão.

Com a saída do professor Antônio Cruz, foi empossada como Pró-Reitora a professora Denise Bussoleti, que convidou a professora do Departamento de Museologia e Conservação e Restauração Francisca Michelon. Com o ingresso da professora Francisca, foi criada a Seção de Museus, Acervos e Patrimônio Imaterial – SMAPI, chefiada na época pela professora Noris Leal. Este setor foi criado com

¹⁰ O professor Mauro Del Pino foi reitor da UFPel de 2013 e 2017.

diversas atribuições que atualmente são responsabilidade da Rede de Museus, como desenvolver políticas na área dos museus e acervos e a realização do inventário do patrimônio Técnico-Científico-Cultural da UFPel, entre outras atividades.

Ainda conforme Leal (2021), já havia nesta época a ideia de criar a Rede, e foram realizadas algumas ações neste sentido, como o lançamento do catálogo dos museus da UFPel e a realização de uma mesa redonda sobre a temática durante a Semana dos Museus de 2015. Nesta mesa, participaram professores que atuavam nas Redes da UFRGS e UFMG, além do professor Edmond Castell Ginovart do Sistema de Patrimônio e Museus da Universidade Nacional da Colômbia. Após esses primeiros passos, no ano de 2017, na gestão do Reitor Pedro Curi Halal¹¹, Francisca Michelin foi empossada como Pró-Reitora de Extensão e Cultura, dando início às atividades da Rede de Museus da UFPel.

O trabalho da Rede foi desenvolvido no sentido de criar políticas e estratégias que auxiliem na divulgação, na valorização e na salvaguarda das coleções da instituição e suas respectivas memórias. O seu Regimento interno apresenta os objetivos da Rede de Museus, conforme segue:

- I - Refletir, debater e propor políticas de acervo, bem como diretrizes para os museus acervos, processos e projetos museológicos da Universidade, em consonância com o regimento e o PDI da UFPel e com as respectivas políticas nacionais da área;
- II - Promover a capacitação dos servidores que atuam nos diferentes espaços integrantes da Rede de Museus;
- III - Divulgar a missão, as ações e potencialidades da Rede de Museus entre instituições congêneres, universidades e instituições de ensino e pesquisa locais, regionais, nacionais e estrangeiras, visando promover o intercâmbio e estabelecer parcerias;
- IV - Apoiar e fomentar o intercâmbio científico, tecnológico e cultural entre os integrantes da Rede de Museus e entre estes e as comunidades interna e externa da UFPel;
- V - Valorizar e divulgar o patrimônio museológico da UFPel;
- VI - Manter atualizado o inventário dos acervos da UFPel;
- VII - Manter informações atualizadas no site da Rede sobre eventos e programação dos integrantes da Rede;
- VIII - Propor e encaminhar projetos de interesse da Rede de Museus.

Segundo o seu Regimento, a Rede é formada por um Conselho Consultivo, Coordenação, Comissão Executiva e Secretaria, que se constitui através de professores, técnicos e discentes que atuam nos museus, nas coleções e nos

¹¹ O professor Pedro Curi Halal foi Reitor da UFPel de 2017 a 2021.

projetos de extensão da UFPel que tenham relação com a memória e com o patrimônio da Universidade e da comunidade em que ela está inserida.

Inicialmente, a Rede foi coordenada pela professora Noris Leal e em 2018, ingressou no cargo a professora Silvana Bojanoski. Atualmente, a PREC está sob nova gestão¹² e algumas mudanças foram efetuadas. A professora do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Andréa Bachettini, que é Chefe da Seção de Mapeamento e Inventário em Extensão da PREC, concedeu uma entrevista para a realização deste trabalho, em que explica como está o funcionamento interno do setor após a mudança de gestão. A Coordenadoria de Patrimônio e Comunidade, à qual a Rede estava vinculada, se fundiu com a Coordenadoria de Arte e inclusão, tornando-se a Coordenadoria de Arte e Patrimônio, chefiada pela professora Eleonora Santos. A coordenação da Rede de Museus no momento está sendo efetuada de forma compartilhada entre os membros da Comissão Executiva. Segundo Bachettini (2021), o Regimento da Rede deve ser adequado em breve à nova estrutura da PREC.

3.2.1 Atividades desenvolvidas pela Rede de Museus da UFPel

Desde a sua criação, a Rede de Museus da UFPel vem promovendo diversas ações. Uma das primeiras atividades da Rede foi dar início ao trabalho de mapeamento dos acervos da Universidade. Este trabalho se iniciou com a Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM), que se constitui como a unidade mais antiga da Universidade, tendo sido criada no ano de 1883, sendo também considerada a instituição de ensino agrônomo mais antiga do país em funcionamento ininterrupto. Por ocasião dos 135 anos da unidade que seria celebrado em 2018, foi realizada uma parceria em 2017 entre a FAEM e a PREC com uma série de ações em alusão à data comemorativa. Uma das ações previstas era a criação de um Memorial, e por essa razão se iniciou o processo de inventário das coleções da FAEM.

O trabalho de mapeamento dos acervos desta unidade foi efetuado através de idas semanais à FAEM, visitando-se os diferentes setores em busca de objetos e documentos que fazem parte deste acervo (figura 01). A definição dos bens que

¹² O novo Pró-Reitor de Extensão e Cultura, que foi empossado em 2021, é o professor Eraldo dos Santos Pinheiro.

compunham este acervo se dava com o auxílio das pessoas que faziam parte dos setores, e a partir desta definição, realizava-se a higienização superficial, o registro fotográfico, registro na ficha de inventário com dados sobre o objeto e uma numeração sequencial (o mesmo número era atribuído ao objeto), e após o registro, o item permanecia no seu local de origem. Nesta mesma época, também foi realizado o mapeamento do acervo da Faculdade de Enfermagem (FEO), pois esta unidade também tinha interesse em formar um memorial. O trabalho foi realizado de forma semelhante, mas, o fato deste acervo contar com uma quantidade de itens bastante inferior ao da FAEM, permitiu que fosse realizado um trabalho de acondicionamento dos itens, com a confecção de embalagens, que proporciona uma conservação mais adequada para os objetos.



Figura 01: Seleção de fotos e documentos na sala da direção da FAEM.
Fonte: Acervo Rede de Museus, 2017.

No ano de 2019 o trabalho de mapeamento dos acervos se expandiu para o restante das unidades da universidade, necessitando assim de um método mais dinâmico para poder dar conta de toda a instituição. Assim, o mapeamento passou a ser feito através da aplicação de um formulário da plataforma *google docs* ao responsável pelo acervo. O formulário era preenchido presencialmente, com o auxílio de um *tablet*, proporcionando eficiência e dinamismo ao trabalho, pois esta ferramenta – *google docs* – permite que os dados inseridos nos campos da plataforma fiquem registrados *online* automaticamente, além de gerar gráficos com percentuais precisos. Essa metodologia foi implementada para garantir maior

agilidade ao trabalho, tendo em vista a necessidade de estabelecer o patrimônio pertencente à universidade, para poder avançar com as políticas de acervo.

As questões que compõe o questionário foram elaboradas para levantar dados dos acervos como questões legais e de acesso às coleções, tipologia e quantificação dos acervos, condições dos espaços físicos, identificação de demandas e necessidades, e informações gerais como endereço e contato. Até o momento este novo método foi aplicado em coleções do Instituto de Ciências Humanas (ICH), do Centro de Artes (CA), do Instituto de Biologia (IB) e da Faculdade de Educação (FaE). Com a pandemia de COVID-19 o trabalho de mapeamento dos acervos, que depende de visita às unidades, teve que interromper suas atividades, sem ter previsão de retorno.

Além do trabalho de mapeamento dos acervos, faz parte da agenda anual da Rede a realização de atividades em alusão as datas comemorativas relacionadas com o patrimônio histórico e cultural: Semana dos Museus¹³, Dia do Patrimônio¹⁴ e Primavera dos Museus¹⁵. Nestas datas é elaborada programação com atividades ofertadas tanto para a comunidade acadêmica, como para a comunidade extramuros. As ações desenvolvidas oferecem visitas guiadas, oficinas, palestras, exposições, inaugurações, entre outras atividades. Em alguns destes eventos há a participação de professores de outras localidades, favorecendo o intercâmbio de ideias e conhecimentos.

Um exemplo que envolveu a comunidade como um todo, foi a Semana dos Museus de 2018, organizada pela Rede. O evento ofertou uma série de atividades ao longo da semana, e encerrou com a ação denominada Museus na Rua, que tinha “o objetivo de levar os museus da UFPel e da cidade para uma ação direta com a comunidade no Largo Edmar Fetter, mostrando as atividades realizadas pelas instituições fora dos seus espaços físicos” (UFPel, 2018). Nesta ação ocorreram mostras de acervos dos museus, oficinas, apresentações teatrais e de filmes, entre outras atividades que envolveram a comunidade da cidade como um todo. Os

¹³ Evento cultural anual proposto pelo IBRAM, que ocorre em comemoração ao Dia Internacional de Museus, comemorado no dia 18 de maio. O evento realiza-se de acordo com tema proposto pelo ICOM.

¹⁴ Celebração Nacional comemorada no dia 17 de agosto. Em Pelotas o evento é realizado pela Prefeitura Municipal da cidade.

¹⁵ Evento cultural anual proposto pelo IBRAM que se dá no início da Primavera em que é proposta uma temporada de atividade na área museológica. O tema que norteia as atividades é proposto pelo próprio Instituto.

membros do Conselho da Rede consideraram um sucesso o evento, o que pode ser confirmado no trecho da ata da reunião que ocorreu após o evento:

O Prof. Diego faz uma análise macro do evento, dizendo que foi a maior ocupação das ruas pela UFPel nos últimos anos. Além disso, foi bem divulgado, pessoas de fora do circuito ficaram sabendo do evento. O Prof. Miranda ressalta que o evento deve ser repetido em outras ocasiões devido o sucesso. A Profa. Silvana diz que a “Semana dos Museus” em si, como evento acadêmico (demais atividades), foi um sucesso (REDE DE MUSUES UFPel nº 5/2018).

As atividades relacionadas às datas comemorativas na área do patrimônio não deixaram de ocorrer nem mesmo durante o período da pandemia de COVID-19. As propostas para cada evento foram realizadas em ambiente virtual (figura 02 e 03), e a maior parte contou com grande adesão do público, segundo dados da Rede de Museus.

**Seminário da
Semana de Museus
da UFPel 2020**
18 a 21 de maio

18ª SEMANA
NACI. ITAL. DE MUSEUS
18 a 24 maio

#semanamuseus2020

Programação

18 de maio

16h Lançamento do e-book dos Anais da Semana dos Museus 2019

16h15 Palestra "Museus acessíveis para promoção da igualdade, diversidade e inclusão", com **Viviane Sarraf** (Pesquisadora-colaboradora do IEB-USP, fundadora e consultora da empresa social Museus Acessíveis)

19 de maio

9h - 12h Apresentações de trabalho

17h Palestra "Um museu para todos - a relevância do Programa de Acessibilidade", com **Desirée Nobre Salazar** (Terapeuta Ocupacional, Professora do Curso de Terapia Ocupacional da UFPel)

20 de maio

9h - 12h Apresentações de trabalho

17h Palestra "Museus diversos para contextos adversos: reflexões sobre descolonização e a materialização das diferenças", com **Bruno Brulon Soares** (Professor do curso de Museologia e da Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS da UNIRIO, Presidente do Comitê Internacional de Museologia - ICOM do Conselho Internacional de Museus - ICOM)

21 de maio

9h - 12h Apresentações de trabalho

17h Mesa redonda "Consultoria para acessibilidade em museus: o papel da pessoa com deficiência", com os consultores para acessibilidade em museus, **Leandro Pereira** (PPG Memória e Patrimônio/UFPel), **Leonardo Dias de Oliveira** (Museu Histórico Nacional) e **Ednilson Sacramento** (Jornalista e Consultor de Acessibilidade/ UFBA)

Confira no site:
tiny.cc/y11yoz

Logos: UFPel, REDE DE MUSEUS

Figura 02: Card com a programação da semana dos museus 2020.

Fonte: Rede de Museus UFPel. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/wp-content/uploads/2020/05/Semana-dos-Museus-2020.jpeg> Acesso 30 mai 2021.

Programação
Dia do Patrimônio 2020
nos museus da UFPel

14 AGO 18h: Abertura
Objetos que aproximam: dentro de casa
museudascoisasbanais.com.br

A partir de **15 AGO** Vários horários
Museus para ouvir wp.ufpel.edu.br/federalfm
Exposição virtual minha máscara wp.ufpel.edu.br/prectaolongetaoperto

16 AGO 16h
Diorama interativo
fb.com/mncarlosritter

A partir de **17 AGO**
Percursos remotos, tradição e memória nas fábricas de doces em conserva de Pelotas-RS
wp.ufpel.edu.br/museudodoce

Recebimento de cartas até o dia 29/08
Chamada para a Exposição: "Cartas que levam abraços" no MuDI
mudiufpel.com

Dia Estadual do Patrimônio Cultural
PROGRAMAÇÃO NO MÊS DE AGOSTO

Logos: Dia Estadual do Patrimônio Cultural, GOV BR iRS NOVAS FAÇANHAS, REDE DE MUSEUS UFPel, PR UFPel Retoria de Extensão e Cultura

Figura 03: Card com a programação do Dia do Patrimônio 2020.

Fonte: Rede de Museus UFPel. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/2020/08/13/rede-de-museus-da-ufpel-participa-do-dia-estadual-do-patrimonio-2020/> Acesso 30 mai 2021.

Também foram propostas ao longo deste período atípico de pandemia, de forma virtual, palestras regulares organizadas pela Rede de Museus, na plataforma Tão longe tão perto da PREC, exposições, além de alguns outros eventos, todos de forma remota. Uma das atividades de destaque promovidas pela Rede ao longo deste período foi a campanha para a participação da comunidade na consulta pública do ICOM para a nova definição de museu. Além da campanha nas redes sociais convidando a comunidade para participar, foi realizada uma *live* sobre a importância deste movimento e reuniões virtuais para debater a contribuição da Rede para este tema.

Além disso, a sua atuação nas redes sociais, nas plataformas do *instagram* e *facebook*, que já era frequente antes do período de isolamento, auxiliou para divulgar não apenas as suas atividades, mas também para compartilhar as atividades e exposições propostas pelos espaços que fazem parte da Rede, ajudando assim na divulgação e promoção destas ações.

Outro trabalho que integrou as ações da Rede foi o projeto “Um Museu para Todos: programas de acessibilidade”, que foi realizado em parceria com a

professora do curso de Terapia Ocupacional Desirée Nobre. Iniciado em outubro de 2019 o projeto realizou um diagnóstico das condições de acessibilidade para as pessoas com deficiência dos museus institucionais da UFPel – Museus do Doce, MALG e o MCNCR –, do Memorial do Anglo e do Museu Municipal da Baronesa. Os resultados do diagnóstico foram apresentados aos museus e, a partir desta análise, foram realizadas oficinas de capacitação com as equipes dos museus e produzidos os Programas de Acessibilidade que foram entregues aos espaços museais.

Por fim, cabe ainda mencionar que ao longo destes quatro anos de atuação, a Rede promoveu e auxiliou na organização de outras palestras e eventos que ocorreram de forma isolada, além da publicação de trabalhos, e-books e anais de eventos. Além disso, faz parte também das atribuições da Rede de Museus a organização das reuniões que ocorrem regularmente, e que são fundamentais para a realização do trabalho em rede.

3.2.2 Análise das atividades da Rede de Museus da UFPel

Esta análise busca avaliar se as ações da Rede estão sendo efetivas, principalmente no que se refere à sua missão e aos seus objetivos, que estão expressos no seu atual Regimento. Para esta análise foi utilizado como base algumas das atas de reuniões da Rede de Museus, as suas redes sociais, a publicação de trabalhos em eventos, e entrevistas realizadas com pessoas com diferentes níveis de envolvimento com a Rede.

O trabalho de levantamento dos acervos e coleções da UFPel, que vem sendo realizado desde o ano de 2017, é uma atividade que já trouxe alguns resultados. A primeira etapa resultou no mapeamento e organização dos acervos da FEO e da FAEM, deixando tudo pronto para a execução do memorial das unidades. A segunda etapa, que visa o mapeamento dos acervos da UFPel como um todo, buscando conhecer quais as coleções que compõe o patrimônio da universidade, onde estão localizadas, em quais condições, e se estão sendo desenvolvidas atividades a partir deste acervo, trata-se de uma etapa fundamental, pois dará embasamento para se pensar estratégias para a criação da política de acervos da universidade, o que faz parte da missão e dos objetivos da Rede. No entanto, este trabalho teve que ser interrompido devido a pandemia de COVID 19, mas é importante destacar que este trabalho já apresenta alguns resultados.

Primeiramente, no que se refere ao próprio método de levantamento, que ao longo das aplicações foi sendo modificado, se tornando mais eficiente. O segundo ponto, foi mencionado por Bachettini (2021), que relatou que ao longo da realização das atividades de levantamento dos acervos, foi ocorrendo a integração de novos espaços ao Conselho Consultivo da Rede de Museus, fazendo com que mais unidades se unissem ao projeto, tornando-o, desta forma, mais fortalecido.

É importante ainda destacar outro ponto que é bastante relevante no trabalho de levantamento que a Rede vem desenvolvendo, que é a experiência que proporciona aos alunos bolsistas que desempenham a atividade. Foram entrevistadas duas ex-bolsistas para a realização deste trabalho, Marlene Oliveira e Aline Mota, ambas do curso de Museologia. Elas destacaram que a atividade se configurou como um laboratório que oportunizou colocar em prática o que foi aprendido em sala de aula. A estudante Aline Mota enfatizou que o trabalho “ajudou a compreender melhor a teoria aprendida em sala de aula, transformá-la em vivência e acumular experiência” (MOTA, 2021).

Como referido anteriormente, desde a sua implementação, a Rede de Museus possui uma agenda de eventos relacionados ao patrimônio cultural e a área museológica, que ficam sob sua organização, o que conforme o relato de Bachettini (2021) passou a configurar-se como uma “agenda conjunta anual dos integrantes da Rede de Museus” (BACHETTINI, 2021). Embora muitos dos projetos que integram a Rede já desenvolvessem suas próprias atividades nas datas comemorativas, é importante ressaltar que a Rede de Museus possibilitou que essas ações ocorressem de forma integrada, gerando maior visibilidade e uma programação mais diversificada, fortalecendo assim tanto os eventos, como os espaços que dele participam. A partir da análise das atas de reuniões pode-se observar que grande parte destes encontros foram dedicados a discussão e organização em torno da programação dos eventos e à avaliação após a realização dos eventos. É possível observar também, a partir da análise, o estímulo para que os espaços integrantes da Rede propusessem ações, como é possível ver no seguinte trecho:

Tendo em vista a proximidade da 12ª Primavera dos Museus, que ocorrerá entre 17 e 23 de setembro de 2018, com o tema Celebrando a Educação em Museus, a Rede de Museus convida os museus a irem pensando em suas atividades, pois será realizada um mês após ao Dia do Patrimônio e reforça a importância da participação de todos. (REDE DE MUSEUS UFPEL, ATA Nº 06/2018).

No que se refere à divulgação e visibilidade dos espaços museais e coleções da UFPel, destaca-se a ampla participação da Rede em seminários, congressos e encontros com apresentação de trabalhos e publicações nos anais dos eventos sobre as atividades que são desenvolvidas, o que contribuiu com a divulgação das ações no âmbito acadêmico. No que se refere à divulgação extramuros, pode-se ressaltar que além dos eventos, que geralmente contam com parte da programação voltada para a comunidade, há o uso das redes sociais, como *instagram* e *facebook*, onde a Rede mostra-se bastante ativa com publicações que divulgam suas atividades, e atividades isoladas dos museus e espaços que a integram. Algumas destas atividades são divulgadas, ainda, pela imprensa, tanto pela Coordenação de Comunicação Social (CCS) da UFPel, como também por jornais da imprensa local da cidade de Pelotas.

Em entrevista concedida para a realização deste trabalho, a Museóloga do MALG e suplente do professor Lauer dos Santos, diretor do MALG, no Conselho Consultivo da Rede, Joana Lizott, destacou que a Rede potencializou a visibilidade dos museus, e ainda

A Rede ajuda a vincular a imagem dos museus à UFPel e isso fortalece institucionalmente. Os museus ligam a universidade à comunidade, e a rede ajuda nesse sentido quando organiza eventos em conjunto, padroniza as placas de identificação. A cidade passa a identificar os museus com a UFPel, e considero isso fundamental para os museus universitários. A cidade vê a universidade chegando até ela (LIZOTT, 2021).

Lizott (2021) destacou também que a Rede possibilitou o diálogo entre os setores que possuem acervos, e que essa troca trata-se de um ganho, pois “sabendo os problemas em comum e as soluções que os colegas encontram conseguimos construir em conjunto e demandar com mais força” (LIZOTT, 2021).

A Rede também tem demonstrado um papel importante no que se refere a temática da acessibilidade cultural. Com frequência, as atividades propostas em seus eventos contam com palestras e oficinas voltadas para esta área. Além disso, o projeto iniciado em 2019, em parceria com a professora Desirée Nobre, gerou o programa de acessibilidade dos museus. Destaca-se ainda, o lançamento do e-book “Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade”, de autoria de Desirée Nobre, realizado em parceria com a Rede de Museus. A importância da Rede no desenvolvimento desta publicação está expressa no prefácio do livro: “mais do que um texto, este é um bom exemplo de trabalho colaborativo, somente possível

a partir das generosas relações estabelecidas entre profissionais e instituições e dentro de uma proposta de mobilização em rede” (BOJANOSKI, 2019).

Algumas melhorias a partir da implementação da Rede de Museus foram destacadas ainda nas entrevistas, e é importante que sejam mencionadas neste trabalho. A ex-coordenadora da Rede e professora do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais, Silvana Bojanoski, em entrevista para a realização deste trabalho, ressaltou que a sua implantação representou um divisor para a área, e elencou alguns destes benefícios:

- 1) Trata-se de um movimento fundamental de potencialização de forças dentro da instituição, a partir de um interesse comum, com a aproximação de diferentes unidades responsáveis por acervos existentes na UFPel.
- 2) O resultado destas aproximações e dos trabalhos realizados em conjunto resultou no aumento da visibilidade dos museus e coleções. Desde a implantação da Rede de Museus, a comunidade da UFPel passou a conhecer melhor e valorizar os espaços museológicos e coleções que estão sob a responsabilidade da UFPel.
- 3) O trabalho em conjunto também potencializou a comunicação com a comunidade extramuros da UFPel, uma vez que os museus e coleções, desde que devidamente divulgados, são as portas abertas da Universidade para a sociedade. Museus e coleções, por suas características, são espaços privilegiados para ações de ensino, pesquisa e extensão e isso deve ser claramente compreendido e valorizado (BOJANOSKI, 2021).

Bachettini (2021) mencionou, ainda, uma importante conquista que ocorreu nos museus da universidade, em decorrência dos esforços da Rede, que foi a identidade visual destes espaços que foi padronizada através da colocação de placas de identificação. “Dentro da instituição foi um ganho, a colocação destas placas de identificação levou mais de um ano porque os prédios são tombados, precisa então de autorização da Prefeitura e do IPHAN” (BACHETINI, 2021,).

Ao comparar a Rede de Museus da UFPel, com a Rede de Museus da UFMG, pode se perceber muita similaridade no modo de ação de ambas. No entanto, três grandes características se diferenciam com relação ao seu surgimento. Em primeiro lugar, a Rede da UFPel foi institucionalizada em uma Pró-Reitoria logo no início dos seus trabalhos, o que permitiu uma estrutura mais desenvolvida desde o começo, com bolsistas, regimento, espaço físico, entre outras vantagens. Outra característica importante, foi o fato de a Rede da UFPel já iniciar os seus trabalhos sendo composta por professores da área do patrimônio, pois já havia na instituição os cursos voltados para a área, tendo, portanto, muitos de seus integrantes com conhecimento no âmbito das coleções. Por fim, é importante mencionar também o fato de a Rede de Museus da UFMG ter sido pioneira, enquanto que a Rede de

Museus da UFPel pôde buscar inspiração a partir de trabalhos já desenvolvidos, tendo assim em que buscar bases para melhor desenvolver seus trabalhos.

A partir do que foi exposto, pode-se observar que, no âmbito da missão da Rede de Museu e dos seus objetivos, muitas metas foram atingidas, como a união dos espaços e a valorização e divulgação dos acervos e coleções da UFPel. Alguns pontos ainda precisam ser aprimorados, em que se destacam algumas questões mencionadas nas entrevistas. Primeiramente, Bachettini (2021) destacou a necessidade de aproximação com as demais Pró-Reitorias da Universidade para que haja “um avanço na qualificação da infraestrutura dos museus e espaços de acondicionamento dos acervos inventariados” (BACHETTINI, 2021). Bojanoski (2021) salientou que Rede precisa ser melhor institucionalizada e frisou a importância da

Sua inclusão no organograma da instituição como um setor na estrutura administrativa. A Rede de Museus deve estar em uma posição em que possa exercer suas funções específicas, mas de forma integrada com as diferentes unidades que são responsáveis por acervos. Por suas características eu entendo que a Rede deve manter-se vinculada com a extensão universitária. Para que os trabalhos tenham continuidade e sejam ampliados, o ideal é ter uma equipe dedicada especificamente à estas atividades (BOJANOSKI, 2021).

No entanto, o que mais foi mencionado nas entrevistas, e que fica mais evidente com a realização deste trabalho, é a necessidade da criação de uma política institucional para área, etapa fundamental, que faz parte da missão e dos objetivos da Rede, mas que ainda não foi realizada. Segundo Leal (2021) as discussões estão avançando, e as discussões do Conselho Consultivo para a nova definição de museus do ICOM estão auxiliando a dar direcionamento para a elaboração desta política (informação oral).

Por fim, cabe ainda mencionar que foi possível observar, através do estudo sobre redes de trabalho e redes de museus sob uma perspectiva geral, através do estudo realizado sobre a Rede de Museus da UFMG, ambos apresentados no início deste capítulo, que a Rede de Museus da UFPel vem desenvolvendo o seu trabalho atendendo às características que configuram um trabalho em rede.

4 Conclusão

A Rede de Museus da UFPel, objeto de pesquisa deste trabalho, faz parte de um universo bastante específico com questões próprias deste meio. Este universo abarca questões relacionadas ao meio acadêmico, ao patrimônio cultural e científico, às políticas públicas, aos museus, e todas as particularidades que envolvem cada uma destas esferas.

De forma a melhor compreender este universo, foi necessário buscar desvendar as diferentes frações que fazem parte deste âmbito. Assim sendo, para desenvolver a pesquisa foi necessário entender questões relacionadas ao meio acadêmico em geral, na tríade que o compõe, o ensino, a pesquisa e a extensão, ao seu patrimônio nas suas especificidades referentes ao que é tangível e ao que é intangível, e aos museus universitários, que também possuem as suas singularidades por fazerem parte deste meio específico. Para além do ambiente universitário, foram avaliadas as políticas públicas para o patrimônio e para os museus e suas diversas oscilações e impasses. Foi necessário ainda abordar especificamente a UFPel e sua trajetória na área patrimonial inserida no contexto da cidade de Pelotas.

Desta forma, usou-se uma base teórica para analisar as redes de trabalho e o seu funcionamento em um âmbito geral, e especificamente como atuam as redes de museus universitárias. Através do estudo realizado a respeito de redes de trabalho, pode-se observar que o trabalho em rede está mais conectado com a realidade atual, sendo mais democrático e colaborativo, permitindo a troca de conhecimentos. No que tange aos espaços museais, esse modelo de trabalho se conecta de forma mais adequada aos museus, pois permite que as suas ações se deem de maneira mais conectada com a realidade atual, tornando estes espaços mais dinâmicos. A partir desta análise, foi possível concluir que a Rede de Museus da UFPel atende às características básicas do trabalho em rede.

Para o melhor entendimento da situação, optou-se pela análise comparativa com a Rede da UFMG, a mais antiga rede de museus universitários do Brasil. Na comparação entre a atuação das duas Redes, percebeu-se que a da UFPel surgiu

em um meio fértil para que suas ações fossem desempenhadas de maneira mais objetiva, baseado em um trabalho de muitos anos de formação na área do patrimônio, com um departamento sólido nesta área. Como se observou através da análise da Rede de Museus da UFMG, a institucionalização traz diversas vantagens ao projeto. A Rede da UFMG surgiu de forma voluntária e teve muito êxito, pois se manteve e, ainda, fortaleceu os espaços de memória da instituição, tendo sido, inclusive, exemplo para a Rede da UFPel. As circunstâncias em que a Rede da UFPel surgiu, de forma institucionalizada, sendo integrada por professores e técnicos que já atuavam na área do patrimônio, e tendo exemplos para poder buscar inspiração, foram pontos essenciais no desenvolvimento do seu trabalho.

Após a realização da pesquisa para a construção deste trabalho, e, principalmente, da análise da missão e objetivos da Rede de Museus da UFPel, chegou-se a conclusão de que não se atingiu por completo as metas propostas pelo órgão, pois o processo de inventário não foi concluído e a construção de uma política para a área museológica não foi desenvolvida, e estas são etapas importantes no âmbito do trabalho proposto pela Rede. O inventário é essencial para que a instituição tenha dimensão do patrimônio que faz parte da UFPel e quais são as suas demandas. Como foi mencionado ao longo desta pesquisa, o trabalho de inventário foi iniciado, mas teve que ser interrompido devido à pandemia de COVID 19. No entanto, as etapas já realizadas deste trabalho permitiram que se conhecesse parte da riqueza do acervo da Universidade, agregou novos participantes à Rede, fortalecendo a sua atuação e ampliando a visibilidade destes acervos. Já as políticas são essenciais, pois darão as diretrizes e normativas para que o trabalho com estas coleções se dê através de preceitos básicos que garantam a salvaguarda e os meios de acesso a estas coleções. Em 2021 um grande ponto no avanço dessas políticas foi a discussão coletiva promovida pela Rede a respeito do conceito de museus, que foi realizada para encaminhar ao ICOM Brasil como contribuição da UFPel para este tema. O trabalho desenvolvido pela Rede deve agora focar no desenvolvimento desta importante etapa.

No que se refere aos demais pontos mencionados em sua missão e objetivos, como divulgação e ações de valorização dos acervos e coleções, pode-se dizer que as atividades que estão sendo desenvolvidas desde a implementação da Rede têm se mostrado significativas para a área dos museus e do patrimônio da universidade, e alguns resultados já podem ser observados.

A atuação em rede permitiu que o trabalho desenvolvido com os acervos e coleções da UFPel pudesse ocorrer de maneira integrada, o que trouxe diversos benefícios. A partir da organização dos eventos em conjunto, a programação das atividades propostas passou a ser mais diversificada, e muitas coleções que antes ficavam restritas às unidades as quais pertenciam, passaram a integrar a programação dos eventos, tornando, desta forma, esses acervos mais acessíveis e mais próximos do público.

Outra grande vantagem que a Rede permitiu aos espaços que trabalham com coleções é o intercâmbio de informações e experiências entre os sujeitos que atuam nestes locais. Os encontros que ocorrem regularmente propiciam um ambiente que facilita a troca de ideias e a articulação entre os membros, podendo gerar mais habilidade e propriedade para lidar com as questões que se apresentam nas atividades desempenhadas nos espaços. Estes encontros também são importantes no que se refere à realização dos eventos, tanto para montar e organizar a programação, o que ocorre de forma colaborativa, como também após a realização das atividades, em que há um momento de avaliação, etapa fundamental para realizar uma análise do que funcionou e do que pode ser melhorado. Além desse encontro físico, há também um espaço virtual, que é o grupo de *whatsapp*, onde circulam informações pertinentes ao escopo do trabalho do grupo. Além disso, a união dos espaços e dos agentes que integram a área de acervos e coleções permite que lutas se fortaleçam e que ocorram melhorias, o que trouxe conquistas para a área museológica da universidade, se mostrando assim como mais uma vantagem que a Rede proporcionou aos espaços.

Ainda, no que se refere aos objetivos que a Rede de museus tem atingido, é importante que seja mencionada a questão da divulgação dos espaços e das atividades desempenhadas. Esse objetivo está sendo alcançado e isso é algo que está muito conectado com o trabalho em rede, pois um espaço divulga o outro, o que garante um trabalho de propagação muito mais eficiente que as divulgações que ocorriam de forma isolada. Além disso, a atuação da Rede de Museus da UFPel nas redes sociais é bastante expressiva, o que colabora para um trabalho de divulgação considerável, e seu *site* conta com muitas informações relativas ao desenvolvimento do seu trabalho e aos museus e espaços de memória da instituição.

O trabalho desenvolvido também auxilia na formação dos discentes que fazem parte da Universidade, pois muitos alunos participam dos projetos, e têm

neles a oportunidade de colocar em prática a teoria que se vê em sala de aula. Além dos bolsistas do curso de Museologia que participaram da Rede e que foram entrevistados para a realização deste trabalho, houve outros alunos, matriculados em cursos distintos que passaram pelos projetos desenvolvidos, pois assim como o trabalho nos museus é interdisciplinar, o trabalho desempenhado pela Rede também exige a participação de pessoas de várias áreas do conhecimento. Sendo assim, já atuaram no Órgão alunos dos cursos de Conservação e Restauração de Bens Culturais, de Jornalismo, de Cinema, de Terapia Ocupacional, entre outros. Além disso, alguns discentes da UFPel participam da Rede através de seu Conselho Consultivo como suplentes de professores coordenadores de espaços e projetos de extensão.

Através de tudo que foi mencionado ao longo deste trabalho, pode-se concluir que, embora a Rede de Museus da UFPel não tenha atingido por completo a sua missão e seus objetivos, o trabalho desenvolvido por este órgão tem se mostrado de grande importância para a área museológica da universidade, proporcionando um espaço de interação e troca de conhecimentos entre os participantes, a divulgação dos acervos, e permitindo que coleções antes desconhecidas por grande parte do público, inclusive do acadêmico, se tornem mais acessíveis.

Como se mostrou no início deste trabalho, a constituição de coleções é algo inerente às universidades, até mesmo em razão da maneira como se dão as ações de ensino e pesquisa. Muitas áreas do conhecimento dependem de coleções para desempenhar as suas atividades de maneira mais adequada. Outras coleções acabam ficando obsoletas ao longo do processo, mas ainda assim são importantes, pois a partir delas pode-se observar como se deu a construção do conhecimento. No meio de todo este universo estão os museus e memoriais que tem um potencial extensionista muito grande com a capacidade de extorverter o conhecimento produzido para além dos muros da universidade. Neste sentido, ter uma rede de trabalho que atua no sentido de unir estes espaços, permitindo a troca de ideias e a produção de conhecimentos relacionada aos acervos, mostra-se essencial para um melhor desenvolvimento do trabalho na área do patrimônio universitário.

Referências

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e coleções universitários**: por que museus de arte na Universidade de São Paulo. 2001. Tese, doutorado em Ciências da Informação e Computação – USP, São Paulo.
- ALMEIDA, Liciane Machado. A gestão do Patrimônio Histórico em Pelotas: um processo de conscientização e crescimento da cultural local. In: MICHELON, Francisca Ferreira (Org.). **Patrimônio Cultural edificado da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Ed. da UFPel, p. 19 – 26, 2013.
- ALMEIDA, Liciane Machado; BASTOS, Michele de Souza. **A experiência da cidade de Pelotas no processo de preservação patrimonial**. Revista CPC, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 96 – 118, mai./out. 2006.
- BACHETTINI, Andréa Lacerda. **Entrevista** [13 abr 2021]. Entrevistadora: Lisiane Gastal Pereira. Pelotas, 2021.
- BRASIL. Constituição Federal de 1988, artigo 216. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp> Acesso em: 14 abr 2021
- BRASIL. Decreto-Lei nº 25. 30 de novembro de 1937. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_d_e_1937.pdf> Acesso em: 14 abr 2021
- BRASIL. Decreto Lei 3.551. 04 de agosto de 2000. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=3589A4E7C1CACFA7473B1BC685DE6AD2.proposicoesWebExterno1?codteor=355911&filenome=LegislacaoCitada+-INC+6879/2005> Acesso em 14 abr 2021.
- BRASIL. Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm> Acesso em: 12 abr 2021.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 10, n. 10, p.47-51, 1997.
- BOJANOSKI, Silvana. **Entrevista** [07 mai 2021]. Entrevistadora: Lisiane Gastal Pereira. Pelotas, 2021.
- BOJANOSKI, Silvana. Prefácio. In: NOBRE, Desirée. **Um Museu para todos**: Manual para programas de acessibilidade. Pelotas: Ed. da UFPel, 2019.

CARVALHO, Ana Cristina Barreto de. **Gestão de patrimônio museológico: as Redes de Museus**. Tese. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – USP, São Paulo - SP. 2008.

CURY, Marília Xavier. Museologia: novas tendências. In: **Museu e Museologia**. Rio de Janeiro: MAST; 2009.

FARA, Patrícia. **Uma breve História da Ciência**. 1 ed. São Paulo – SP: Editora Fundamento Educacional, 2014.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. O ensino e a pesquisa em memória e patrimônio no campo interdisciplinar. In: MICHELON, Francisca Ferreira (Org.). **Patrimônio Cultural edificado da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Ed. UFPel, p. 31 - 37, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Plano de integridade do Instituto Brasileiro de Museus. Brasília: MinC, 2018.

JULIÃO, Rita. Conheça a Rede de Museus de UFMG. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php/noticias/acontece/item/345-20190204-redevideo>> Acesso em: 09 mai 2021.

LEAL, Nórís Mara Pacheco Martins. **A trajetória de uma construção patrimonial: a tradição doceira de Pelotas e antiga Pelotas na constituição do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas**. Tese. Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPel, pelotas – RS. 2019.

LEAL, Nórís Mara Pacheco Martin. **Entrevista** [16 abr 2021]. Entrevistadora: Lisiane Gastal Pereira. Pelotas, 2021.

LIZOTT, Joana Soster. **Entrevista** [27 abr 2021]. Entrevistadora: Lisiane Gastal Pereira. Pelotas, 2021.

MARQUES, Rita de Cássia. **Entrevista** [08 mai 2021]. Entrevistadora: Lisiane Gastal Pereira. Pelotas, 2021.

MARQUES, Roberta Smania; SILVA, Rejâne Maria Lira da. **O reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários: o caso do Museu da UFBA**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 4 no 1 – 2011.

MICHELON, Francisca F; LEAL, Nórís Mara P. M. **Entrevista com José do Nascimento Júnior**, 17 de setembro de 2014. Revista Expressa Extensão. Pelotas, v.19, n.2, p. 13-19, 2014.

MICHELON, Francisca Ferreira. **Entrevista** [12 abr 2021]. Entrevistadora: Lisiane Gastal Pereira. Pelotas, 2021.

MICHELON, Francisca Ferreira. Reunir os tempos: o conjunto edificado do patrimônio cultural da Universidade Federal de Pelotas. In: MICHELON, Francisca

Ferreira (Org.). **Patrimônio Cultural edificado da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Ed. da UFPel, p. 39 - 43, 2013.

MOTA, Aline Regiane de Jesus. **Entrevista** [09 mai 2021]. Entrevistadora: Lisiane Gastal Pereira. Pelotas, 2021.

NOVAES, Mariana Gonzalez Leandro. **Patrimônio científico nas universidades brasileiras**: política de preservação e gestão das coleções não vinculadas a museus. Tese. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – UNIRIO/MAST: Rio de Janeiro - RJ, 2018.

OLIVIERA, Ana Lúcia Costa de; SILVEIRA, Aline Montagna da. **Entre tramas**: as ações do Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira e a preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização no sul do Rio Grande do Sul. In: MICHELON, Francisca Ferreira (Org.). **O patrimônio Industrial da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Ed. da UFPel, p. 45 - 58, 2019.

OLIVEIRA, Marlene dos Santos de. **Entrevista** [09 mai 2021]. Entrevistadora: Lisiane Gastal Pereira. Pelotas, 2021.

PEREIRA, Lisiane Gastal; BOJANOSKI, Silvana de Fátima. O levantamento das coleções da UFPel: um caminho para a democratização dos acervos. **Anais da Semana dos Museus da UFPel**. Pelotas: Ed. da UFPel, v. 4, 2020.

PLANO DE INTEGRIDADE DO INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Instituto Brasileiro de Museus, 2018.

REDE DE MUSEUS DA UFPEL. Ata nº 05, 2018.

REDE DE MUSEUS DA UFPEL. Ata nº 06, 2018.

RIBEIRO, Emanuela Souza. Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília**. v. 11, n. 4, maio/junho, 2013.

SANTA'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural. Os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

SOARES, Marianna de Souza. **Museus universitários, encontros e redes de museus**: estratégias de articulação e reconhecimento. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – UNB, Brasília - DF. 2020.

TANUS, Gabrielle Francine de S.C. A trajetória do Ensino da Museologia no Brasil. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília**. v. 11, n. 3, maio/junho, 2013.

TAVARES RIBEIRO, Francine Morales. **Políticas públicas referentes ao patrimônio cultural edificado na cidade de Pelotas, RS: o caso da isenção do IPTU.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPel, Pelotas - RS. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. A Rede. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php/a-rede/historia>> Acesso em 06 mai 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS: Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira. Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/neab/>> Acesso em 25 abr 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS: Projeto Político pedagógico do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/crbensmoveis/files/2017/03/PPC_3_CeR.pdf> Acesso em 27 abr 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS: Projeto Político pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/museologia/curso/projeto-pedagogico/>> Acesso em 27 abr 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS: Rede de Museus da UFPel. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2010/08/Resolu%C3%A7%C3%A3o-15-2017-CONSUN.pdf>> Acesso em 08 mai 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Semana dos Museus da UFPel 2018. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/prec/files/2018/04/Semana-de-Museu-da-UFPel-2018.pdf>> acesso em 29 abr 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e da Tecnologia. MAST/UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016.

APÊNDICES

Entrevista nº 01

Entrevista realizada por *e-mail* no dia 12 de abril de 2021.

Nome: Francisca Ferreira Michelin

Profissão: Professora dos Bacharelados em Museologia e Conservação e Restauração de Bens Culturais da UFPel

Atuação: Pró-Reitora de Extensão e Cultura de 2017 a 2020

Depoimento:

O Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural não foi uma transformação advinda dessa especialização. O preenchimento do APCN o cita como antecedente, mas são propostas independentes e o nosso PPG foi uma proposta nova, que coadunou na sua origem várias experiências localizadas em diferentes lugares. Também é importante que saibas que o trabalho com patrimônio cultural iniciou na FaUrb. Há um capítulo do livro "Patrimônio Industrial da UFPel", escrito pela professora Ana Oliveira, onde poderás constatar o que estou dizendo. Portanto, o contexto de surgimento dos cursos de Museologia, C&R e PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural estão mais situados em uma trama de interesses e vocações bastante particular do local onde se encontram. Inclusive tenho que te alertar que a primeira iniciativa, a mais intensa, foi a criação do PPG porque articulou, de fato, pessoas que atuavam em diferentes campos, em uma rede. É indispensável que converses demoradamente com a Professora Letícia, com o Prof. Fábio, com o Prof. Miranda. Uma pessoa importante deste movimento já não está mais conosco, a Profa. Carmem Biasoli. Sem entender esse início, sem entender a efervescência daquele momento nos quais esses cursos surgiram, sem saberes desses primeiros atores que não eram museólogos, nem conservadores, mas que fizeram tudo surgir, que fizeram emergir uma situação latente, teu trabalho não atingirá a resposta que buscas. A Rede de Museus é um dos movimentos dessas águas que cobrem uma Atlântida que vez por outra, alguns querem crer que não passa de lenda, apesar das evidências do entorno. Também é importante que entendas que o espólio patrimonial adquirido no período dos professores Inguelore (Cosulã) e César Borges, quando reitores, foi muito influenciado por esses projetos iniciados na FaUrb pela Professora Ester Gutierrez, Ana Oliveira, Maurício Polidori e outros. É nesse meio que surge o Andrey Schlee, peça fundamental na aprovação

da dupla certificação patrimonial de Pelotas e entorno em 2018. Sugiro que leias no mesmo livro já citado, o capítulo que ele escreve. Se queres, de fato, entender o que é a Rede de Museus desta Universidade, o que ela queria ser, o que foi e o que é, o que poderia ser, o que poderá ser, busca a origem, que não está em 2017. Não está nem mesmo no evento promovido por mim e Nórís, quando trouxemos os coordenadores da Rede da UFMG, UFRGS e da UC (Colômbia). Se queres entender uma parte do caminho, olha onde ele começa. Ela não é um ato administrativo isolado, um evento circunstancial de uma gestão específica. Ela é, também, um reflexo de como se comporta a área em determinados momentos, de como essa área se fortalece ou se enfraquece, porque acontecem ambas as coisas, em momentos diferentes. É mais do que um conselho que delibera, é uma reunião de intenções que podem ou poderiam atuar na forma de um vetor do patrimônio, para além dos museus e dos acervos. Um vetor que atuaria sobre os julgamentos que uma comunidade universitária ignara dos trajetos e movimentos que se articulam sob e através do patrimônio, conseguiria melhor fazer se o pensamento fosse lapidado como uma pedra que se vai revelando na sua preciosidade profunda conforme sobre dela são raspados os sentidos-comuns tão desqualificados quando lhe querem dar importância como quanto a ela negam. Na processualidade do caminho que estamos caminhando enquanto o fazemos ser, a Rede de Museus não é um fato em si, senão um braço de um fato maior. Resta saber para onde estamos indo. Onde está o IBRAM e o IPHAN? O que vemos não é uma miragem desses órgãos enterrados em acontecimentos velozes e que os dizem ainda existir, mas, na verdade, nem sabemos onde estão? Há relação entre o todo e as partes ou até isso é um discurso volátil em um momento de profundas incertezas?

Então, Lisiane, acima estão as minhas respostas para as tuas perguntas. Sei que querias um discurso mais linear. Seria mais facilitador para o teu trabalho ao qual carece tempo. No entanto, o assunto não me é fácil, nem simples, nem direto, nem resolvido. De outro modo e, veja bem, tens todo o direito em optar por ignorar a entrevista que te concedi na forma de um depoimento que longe de ter sido respondido pela ex-Pró-Reitora, que na sua gestão instituiu a Coordenação de Patrimônio Cultural e nela a Rede de Museus, foi respondido pela testemunha ocular, partícipe de uma trajetória que se constituía sem que soubéssemos o que era. Uma testemunha e uma caminhante. E só desse modo eu poderia responder. E foi o que fiz aqui.

Entrevista nº 02

Entrevista realizada por *e-mail* no dia 13 de abril de 2021.

Nome: Andréa Lacerda Bachettini

Profissão: Professora do Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais da UFPel

Atuação: Chefe da Seção de Mapeamento e Inventário em Extensão da PREC e membro da Comissão Executiva da Rede de Museus da UFPel

Qual o seu envolvimento com a Rede de Museus?

Estou envolvida com a Rede de Museus da UFPel desde sua implementação, primeiramente como representante do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais do Instituto de Ciências Humanas no Conselho Consultivo da Rede de Museus.

Com o convite para ingressar na equipe de gestão 2017-2020 na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, em junho de 2017, passei a atuar mais diretamente na organização das atividades da Rede de Museus, auxiliando a coordenação e fazendo parte da Comissão Executiva desde então, fiquei secretariando a Rede de Museus nestes 4 anos. Primeiramente, trabalhando com a profa. Nóris Leal e depois com a saída da professora Nóris para conclusão do seu doutorado, passei a trabalhar com a professora Silvana Bojanoski, com quem trabalhei até dezembro de 2020.

Hoje continuo na nova Gestão 2021-2024 da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura como chefe da Seção de Mapeamento e Inventário em Extensão, portanto, continuo trabalhando diretamente com a Rede de Museus.

A PREC está passando por reformulações no seu organograma, foi criada uma nova Coordenação de Saúde e Educação e a fusão de duas coordenadorias que já existiam, as Coordenadorias de Arte e Inclusão e de Patrimônio Cultural e Comunidade, se transformaram na Coordenação de Arte e Patrimônio que tem como coordenadora a professora Eleonora Motta dos Santos. A Rede de Museus ficará ligada a esta coordenação. Nesta nova gestão da PREC a coordenação da Rede será de forma compartilhada e dividida com os membros da Comissão Executiva eleita recentemente na primeira reunião do Conselho Consultivo em fevereiro, eu ficarei a frente da Rede agora como representante da PREC e não

mais como representante do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais.

Em breve a portaria com os novos representantes do Conselho Consultivo e as alterações no regimento da Rede de Museus devem se adequar a nova estrutura da PREC.

Você considera que a Rede de Museus trouxe benefícios para os museus da universidade? Se sim, de que forma consideras que a Rede de Museus trouxe esses benefícios?

Em minha opinião, a Rede de Museus trouxe grandes benefícios, o mais importante foi o trabalho desenvolvido em rede, várias atividades passaram a acontecer em conjunto nos museus e projetos museológicos cadastrados. Foi montada uma agenda conjunta anual dos integrantes da Rede de Museus: A Semana de Museus da UFPel dentro da Semana Nacional de Museus do IBRAM, o Dia do Patrimônio e a Primavera de Museus, muitas ações desenvolvidas pela rede movimentaram a cidade nestas datas.

Além disso os museus já estabelecidos passaram por melhorias, acontecendo um ganho enorme com a mudança de endereço do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter para centro histórico da cidade, muito próximos à sede do Museu do Doce, criando um circuito dos museus universitários da UFPel no entorno da Praça Coronel Pedro Osório.

A identidade visual dos três museus: MALG, Carlos Ritter e Doce padronizada no ano passado foram uma conquista da Rede, coisas que parecem simples, mas que dentro da instituição foi um ganho, a colocação destas placas de identificação levou mais de um ano porque os prédios são tombados, precisa então de autorização da Prefeitura e do IPHAN este é um dos exemplos que posso citar destes benefícios.

Com a pesquisa e inventário dos acervos da UFPel, que tu como bolsista da Rede de Museus participaste, resultou no conhecimento de acervos que estão espalhados nas unidades acadêmicas da UFPel e que acabou contribuindo para integração de novos projetos ao Conselho Consultivo da Rede de Museus.

Em sua opinião, o que a Rede de Museus poderia fazer além do que já é feito para melhorar a sua atuação?

Penso que a implementação da Rede de Museus foi muito importante para dar maior visibilidade aos museus e a área do patrimônio como um todo, a Rede de Museus ficou conhecida tanto interna como externamente, agora temos que trabalhar na consolidação de projeto que teve sua implementação bem sucedida. A aproximação com diversas unidades acadêmicas deve continuar, para inventariar e identificar os acervos históricos, naturais e artísticos da nossa universidade, que fazem parte do patrimônio científico e museológico.

A aproximação com as demais pró-reitorias para termos um avanço na qualificação da infraestrutura dos museus e espaços de acondicionamento dos acervos inventariados e, também, principalmente na criação e implementação de uma política institucional para preservação destes espaços e acervos.

O trabalho coletivo da Rede de Museus com a abertura para comunidade acadêmica e externa da universidade sobre Nova Definição de Museu do ICOM Brasil mostra um pouco dos novos rumos que a Rede de Museus quer tomar, ter mais com a participação da comunidade interna e principalmente a aproximação com comunidade externa neste período de pandemia.

Entrevista nº 03

Entrevista realizada por *e-mail* no dia 16 de abril de 2021.

Nome: Noris Mara Pacheco Martins Leal

Profissão: Professora do Bacharelado em Museologia da UFPel

Atuação: Coordenadora da Rede de Museus da UFPel de 2017 a 2018 e membro do Comissão Executiva da Rede de Museus da UFPel

Qual o seu envolvimento com a rede de Museus

Eu fui a primeira coordenadora da Rede de Museus da UFPel, junto com a prof. Francisca que era a Pró-reitora de extensão e cultura no período de 2017 a 2020, pesquisei as redes de museus do Brasil e as de Portugal para construir o formato da nossa Rede, baseado no regimento da UFMG e das de Portugal construí o regimento da UFPel (todo ele foi discutido com os representantes dos museus, antes de ser aprovado no Consun), adaptando a nossa realidade e complementando não só com os Museus, mas também, com os processos museais e projetos de extensão que tratavam da organização de museus na UFPel. E, desde março estou na comissão executiva da Rede de Museus.

Como surgiu a iniciativa da Rede de Museus da UFPel?

Bem, muito antes da eleição do reitor Pedro Hallal já se tinha esta vontade de ter um setor que cuidasse dos museus universitários, a gente já discutia quem era responsável por museus e na museologia essa necessidade de ter um órgão que se preocupasse com a manutenção dos museus, pois como eles estão ligados a Institutos e Centros e não a administração central, cada um recebe uma forma de tratamento, dependendo da vontade das direções de unidades. Quando da eleição do Professor Mauro Del Pinno, procuramos o coordenador de arte e cultura da Prec o Professor Paulo Gaiger e o pró-reitor de extensão o Professor Antonio Cruz, era uma comissão que tinha eu, o professor Diego, o professor Fábio Cerqueira e acho que o Professor Miranda. E depois se ampliou este grupo com todos os que eram diretores ou responsáveis por museus e projetos e começamos a discutir e a trabalhar na formação de um Núcleo de Museus na PREC, o que não se efetivou, pois para criar um Núcleo precisava ter uma função gratificada para isso e em seguida ao inicio das discussões houve o rompimento entre pró-reitores, vice-reitor e

o reitor Mauro, onde o Professor Antônio foi um dos que saíram da gestão da universidade. Antes desta confusão com os pró-reitores a Professora Francisca era chefe de um núcleo de patrimônio na pró-reitoria de planejamento. Mas, quando a professora Denise Bussoleti assumiu a PREC convidou ela para assumir a coordenadoria de patrimônio e tinha mais coisas no nome que não lembro, assim foi criada nesta coordenadoria a Seção de Museus, Acervos e Patrimônio Imaterial – SMAPI, a qual fui colocada como chefe. “Dentro desta perspectiva foi criada a Seção de Museus, Acervos e Patrimônio Imaterial que é um setor do Núcleo de Patrimônio Cultural da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura que tem como atribuição propor e desenvolver as políticas de gestão dos Museus, dos Acervos e do Patrimônio Imaterial da UFPel, de acordo com as determinações da Coordenação do Núcleo de Patrimônio Cultural e em concordância com as normas vigentes na Universidade e com a Legislação Federal. Também compete a essa Seção inventariar e manter atualizado o inventário e as informações sobre o Patrimônio Técnico-Científico-Cultural da UFPel além de emitir laudos e pareceres sobre ações de conservação do Patrimônio Técnico-Científico-Cultural da UFPel, sempre que solicitado. Essa seção ainda pode encaminhar pedido de tombamento de acervo do Patrimônio Técnico-Científico-Cultural da UFPel e desenvolver, coordenar e supervisionar as atividades sócio-educativo-culturais, relativas aos acervos do Patrimônio Edificado-Técnico-Científico-Cultural da UFPel.” Isso era os objetivos desta seção, só que eu era completamente sozinha e fazia mais um monte de coisas, obviamente não dava conta de tudo isso, mas já tínhamos a vontade de constituir a Rede de Museus, tanto que lançamos o catálogo dos museus da UFPel, como uma primeira atividade para criar a Rede. Em 2015 na semana dos museus, no seminário, nós fizemos uma mesa sobre redes de museus, em que estavam as redes da UFRGS e da UFMG e trouxemos o professor Edmond Castell Ginovart do Sistema de Patrimônio e Museus da Universidade Nacional da Colômbia, indicado pelo presidente do IBRAM José do Nascimento Junior como a melhor experiência da América Latina em relação as redes e sistemas de museus universitários. Estavam lançadas as sementes para a construção da rede, em 2016 este caminho foi interrompido com a minha saída e a da professora Francisca da PREC só retomando em 2017 com a eleição do Pedro Hallal.

Você considera que a Rede de Museus trouxe benefícios para os museus da universidade? Se sim, de que forma consideras que a Rede de Museus trouxe esses benefícios?

Com certeza a Rede tem sido muito importante na universidade, deu visibilidade para a área, mostrando as necessidades das instituições, ter a união dos trabalhadores da área no Conselho da rede faz com que as pautas de melhorias, tenham força frente a reitoria, as redes e os sistemas são as formas ideais para o fortalecimento do campo, e a busca de políticas para a área, aumentando a efetividade da função social das instituições envolvidas.

O que você acha que deve ser atividade da Rede de Museus e que ainda não está sendo feito?

Um dos pontos que são essenciais para o bom funcionamento da Rede é a construção de uma política para os museus da UFPel, um documento escrito, que, ainda, não foi feito, a gestão da Professora Silvana não priorizou isso, ficando mais envolvida com eventos, mas agora sob a batuta da Professora Eleonora e da Professora Andréa já foi criada uma base para a discussão das bases desta política, o que vai ser um grande avanço.

Entrevista nº 04

Entrevista realizada por *e-mail* no dia 27 de abril de 2021.

Nome: Joana Soster Lizott

Profissão: Museóloga do MALG

Atuação: Suplente do MALG no Conselho Consultivo da Rede de Museus

Qual o seu envolvimento com a Rede de Museus?

Meu envolvimento com a Rede de Museus sempre se deu através do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG). Atualmente sou suplente do prof. Lauer dos Santos, diretor do MALG, no Conselho Consultivo da rede.

Fiz parte da comissão de implantação da rede em 2017, como museóloga do MALG e fui suplente do Matheus Cruz na representação dos Técnicos Administrativos no primeiro Conselho Consultivo da Rede.

Você considera que a Rede de Museus trouxe benefícios para os museus da universidade? Se sim, de que forma consideras que a Rede de Museus trouxe esses benefícios?

Considero um avanço importante e necessário, que dá mais força e visibilidade aos museus e processos museológicos da universidade. Acredito que nesse início da rede, que atua há mais ou menos quatro anos, as principais contribuições são o diálogo e a visibilidade.

Diálogo entre os museus, pois antes da rede, havia uma grande dificuldade de comunicação com outros setores que possuem acervos. As trocas de conhecimento e experiência com os outros museus é um ganho enorme. A parceria permite que mais coisas sejam realizadas. Sabendo os problemas em comum e as soluções que os colegas encontram conseguimos construir em conjunto e demandar com mais força.

A visibilidade dos museus aumentou, os eventos e a divulgação são potencializadas com a rede. Outro ponto relacionado a isso, e que acho importante, é que a rede ajuda a vincular a imagem dos museus à UFPel e isso fortalece institucionalmente. Os museus ligam a universidade à comunidade, e a rede ajuda nesse sentido quando organiza eventos em conjunto, padronizar as placas de identificação. A cidade passa a identificar os museus com a UFPel, e considero isso

fundamental para os museus universitários. A cidade vê a universidade chegando até ela.

Em sua opinião, o que a Rede de Museus poderia fazer além do que já é feito para melhorar a sua atuação?

Acredito que um passo importante a ser dado é iniciar uma política de acervos para a universidade. Avançamos no mapeamento e reconhecimento dos espaços, pensamos soluções para tratamento, armazenamento e documentação desses acervos, mas ainda não conversamos sobre que acervos são esses, porque eles estão na universidade e o que queremos (e podemos) institucionalizar. Considero essa discussão fundamental, tanto para o inventário desses bens, como para a definição de diretrizes, orientações, normativas, como para a cobrança de infraestrutura, material e profissionais adequados para esses acervos.

Entrevista nº 05

Entrevista realizada por *e-mail* no dia 07 de maio de 2021.

Nome: Silvana de Fátima Bojanoski

Profissão: Professora do Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPel

Atuação: Coordenadora da Rede de Museus da UFPel de 2018 a 2020

Qual o seu envolvimento com a Rede de Museus?

No período de abril de 2018 a janeiro de 2021 eu fui Coordenadora de Patrimônio Cultural e Comunidade da PREC, setor ao qual está vinculada a Rede de Museus da UFPel. Por conta do regimento vigente, também assumi a presidência do Conselho Consultivo da Rede de Museus.

Você considera que a Rede de Museus trouxe benefícios para os museus da universidade? Se sim, de que forma consideras que a Rede de Museus trouxe esses benefícios?

Sim, sem dúvida, a Rede de Museus da UFPel é fundamental para as unidades responsáveis por acervos da nossa universidade. Sua implantação consistiu em um marco divisor da situação dos nossos museus e coleções. Considero as seguintes questões fundamentais sobre a atuação da Rede de Museus.

- 1) Trata-se de um movimento fundamental de potencialização de forças dentro da instituição, a partir de um interesse comum, com a aproximação de diferentes unidades responsáveis por acervos existentes na UFPel.
- 2) O resultado destas aproximações e dos trabalhos realizados em conjunto resultou no aumento da visibilidade dos museus e coleções. Desde a implantação da Rede de Museus, a comunidade da UFPel passou a conhecer melhor e valorizar os espaços museológicos e coleções que estão sob a responsabilidade da UFPel.
- 3) O trabalho em conjunto também potencializou a comunicação com a comunidade extramuros da UFPel, uma vez que os museus e

coleções, desde que devidamente divulgados, são as portas abertas da Universidade para a sociedade. Museus e coleções, por suas características, são espaços privilegiados para ações de ensino, pesquisa e extensão e isso deve ser claramente compreendido e valorizado.

Em sua opinião, o que a Rede de Museus poderia fazer além do que já é feito para melhorar a sua atuação?

Entendo que a Rede de Museus ainda precisa ser melhor institucionalizada dentro da Universidade, com, por exemplo, a sua inclusão no organograma da instituição como um setor na estrutura administrativa. A Rede de Museus deve estar em uma posição em que possa exercer suas funções específicas, mas de forma integrada com as diferentes unidades que são responsáveis por acervos. Por suas características eu entendo que a Rede deve manter-se vinculada com a extensão universitária. Para que os trabalhos tenham continuidade e sejam ampliados, o ideal é ter uma equipe dedicada especificamente à estas atividades.

Entrevista nº 06

Entrevista realizada por *e-mail* no dia 08 de maio de 2021.

Nome: Rita de Cássia Marques

Profissão: Professora da Escola de Enfermagem da UFMG

Atuação: Coordenadora da Rede de Museus da UFMG de 2013 a 2016

Como se iniciou a sua experiência com a Rede de Museus da UFMG?

Meu primeiro contato com a Rede de Museus foi em 1999 quando o Pró-Reitor de Extensão da UFMG (Prof. Edson Correa) reuniu um grupo de coordenadores de museus e espaços de ciência para discutir a possibilidade de criar um Programa que reunisse os diversos projetos sobre museus na UFMG. Segundo ele, um programa de extensão, teria muito mais força política e condições de conseguir financiamento mais significativo para a área de museus, do que projeto individuais. Junto poderíamos mais!

Na época eu trabalhava no Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais (CEMEMOR), na Faculdade de Medicina da UFMG, trabalhando em um projeto de preservação e organização do acervo, criado em 1977. A reunião foi marcada na Pró-reitora e lá estavam presentes, além do mim, coordenadores do Museu de Ciências Morfologias, do Museu de História Natural e Jardim Botânico, do Centro de Referência Cartográfica e a profa. Betânia Figueiredo da disciplina Arquivos e museus, do Departamento de História. Esse é o grupo pioneiro. Com o apoio da Pró-Reitoria começamos a construir um projeto que fosse estruturante para a Rede. Entramos em editais com propostas mais robustas e começamos a ser contemplados. A primeira proposta vitoriosa foi de um curso de especialização semipresencial, com atividades a distância e nas presenciais foram realizadas visitas aos diversos espaços, conhecemos os problemas e pensamos em soluções. O público prioritário do curso eram funcionários e bolsistas dos espaços.

Depois passamos para a realização de seminários onde foram discutidos problemas e soluções. Passamos a conviver mais e o grupo acreditou na Rede como forma de trabalho. Tivemos também fôlego para divulgar e participamos de vários eventos como Semana de Ciência e Tecnologia, Domingo no Campus, entre outros. Começamos a ser convidados para falar em outras universidades e a

publicar sobre a experiência da Rede. Para além do financiamento de projetos, entendemos que trabalhar em Rede era melhor que trabalhar sozinhos.

Como surgiu a iniciativa da Rede de Museus da UFMG?

A Rede surgiu da confluência de vários interesses. O principal foi o interesse do Pró-reitor de Extensão que era um dos coordenadores do fórum que participava da construção do Plano Nacional de Extensão. Uma das decisões foi a organização em programas, projetos, cursos, prestação de serviços. A área de museus poderia ser um programa e trabalhar para fortalecer o setor. Existia por parte de uma professora do Departamento de História, interesse em incrementar a área de Arquivos e Museus, como espaço de conhecimento dos alunos. Da parte dos coordenadores dos espaços, existia o interesse de participar dos editais de financiamento com mais chances de serem contemplados. Terem maior visibilidade e reconhecimento por parte da universidade.

Ou seja, vários interesses que foram aglutinados na construção da Rede.

Atualmente, como se dá a organização e a atuação da Rede de Museus da UFMG?

Hoje a Rede, integra oficialmente a estrutura da Pró-reitora de Extensão, mas ao longo do tempo foram construídas pontes com a Pró-reitora e Pesquisa, que oferece um edital em parceria com a extensão para bolsistas exclusivos para trabalho em projetos de pesquisa-extensão, nos museus. Estamos lutando para construir um projeto consistente junto a Pró-reitora de Graduação, visto que entendemos ser os museus, espaços propícios para atividades de ensino, pesquisa e extensão

A REDE, atualmente, é composta de 25 museus e espaços de ciência; tem uma coordenação eleita a cada 2 anos pelo seu conselho de coordenadores, tem regimento aprovado pelas instâncias superiores da UFMG, tem 2 funcionários, sala no prédio da Reitoria, edital especial para bolsistas, realização anual de uma Mostra Virtual, dos trabalhos realizados anualmente nos espaços da Rede. Possui site e página no Facebook e Instagram.

Você considera que a Rede de Museus trouxe benefícios para os museus da universidade? Se sim, de que forma consideras que a Rede de Museus trouxe esses benefícios?

Trouxe muitos benefícios! A Rede cresceu e se profissionalizou, com o trabalho conjunto, melhoramos a condição física dos espaços, com editais exclusivos conseguimos os bolsistas tão necessários para a manutenção dos espaços abertos. Entramos na luta pela criação de cursos que poderiam colaborar e ao mesmo tempo usufruir os espaços da Rede para ensino e a pesquisa como: Museologia, Arquivologia, Conservação e restauro. Hoje temos bolsistas e estagiários de diversos cursos se qualificando nos museus da UFMG, seja em projetos de ensino e pesquisa.

Nas reuniões bimestrais da Rede, os coordenadores podem trocar ideias, pensar coletivamente e se sentirem menos isolados. Há muito que ser feito ainda, mas temos a sensação que estamos no caminho certo!

Entrevista nº 06

Entrevista realizada por *e-mail* no dia 09 de maio de 2021.

Nome: Aline Regiane da Mota Jesus

Profissão: Graduanda do Bacharelado em Museologia

Atuação: Bolsista da Rede de Museus da UFPel em 2016

Como foi a sua experiência de estágio na Rede de Museus?

A minha experiência de estágio na Rede de Museus foi muito enriquecedora. Participei do projeto quando ele ainda estava no seu início, então pude acompanhar a estruturação dele, a formação de algumas de suas parcerias, reuniões regulares com as instituições e processos museológicos que integram a rede, bem como da elaboração de eventos e ações conjuntas, entre outros. Pude aprender muito durante esse processo.

Você considera que a sua experiência na Rede de Museus da UFPel contribuiu para a sua formação profissional? Se sim, de que maneira houve essa contribuição?

Sim, considero. O projeto de levantamento do acervo universitário que englobou algumas unidades da UFPel foi bem marcante na minha graduação. Participar da documentação do acervo da Odontologia e do Campus de Agronomia Eliseu Maciel me ajudou a compreender melhor a teoria aprendida em sala de aula, transformá-la em vivência e acumular experiência. De maneira mais objetiva, posso relatar que esta experiência contribuiu para um trabalho que realizei no último mês, para uma empresa de restauração de patrimônio cultural, na qual fui contratada em caráter temporário para coordenar a retirada e movimentação do acervo da Catedral Metropolitana de São Francisco de Paula, para que o processo de restauro de uma de suas torres tivesse início. Desta maneira, considero o trabalho empreendido pela Rede de Museus da UFPel, e à extensão universitária de uma forma geral, como essenciais para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Entrevista nº 07

Entrevista realizada por *e-mail* no dia 09 de maio de 2021.

Nome: Marlene dos Santos de Oliveira

Profissão: Museóloga

Atuação: Rede de Museus da UFPel - Bolsista de extensão de 2017 a 2019

Como foi a sua experiência de estágio na Rede de Museus?

Participar dos projetos da Rede de Museus foi muito gratificante, em primeiro lugar por fazer parte de uma equipe de alunos e professores que se comprometeram em fazer um trabalho de pesquisa, em espaços diversos dentro da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM), buscando objetos, documentos e fotografias que fazem parte dessa Unidade, que deu origem a Universidade Federal de Pelotas.

Esses objetos, muitos deles com mais de cem anos, se encontram em vários departamentos da FAEM, sendo assim, sempre que precisávamos conhecer os objetos éramos recebidos com cordialidade e quando surgiam dúvidas sobre o material, ou sua utilização, recebíamos a atenção da equipe dos técnicos e dos professores, para saná-las.

Esse projeto me proporcionou colocar em prática os ensinamentos sobre a documentação museológica, pois durante essa etapa do estágio, após conhecer e selecionar os objetos, documentos e fotografias, eu e os outros alunos, passamos a preencher a ficha catalográfica, desenvolvida para esse projeto, onde os objetos eram numerados, descritos com as informações peculiares de cada um, ressaltando alguma particularidade, etiquetados e fotografados, pois num futuro próximo essas informações serão disponibilizadas num banco de dados, para que todos possam acessá-las e se necessário poderem pesquisar sobre esses objetos que fazem parte da história da Universidade.

Também dentro da Rede de Museus durante o estágio pude participar do projeto da Faculdade de Enfermagem, onde além das atribuições desenvolvidas anteriormente, consegui junto com os outros alunos, desenvolver as embalagens para a conservação dos objetos, buscando o conhecimento sobre qual tipo de material seria necessário para sua utilização, sempre com a orientação e supervisão dos professores.

Em segundo lugar, me proporcionou a participação em eventos, na realização da montagem da exposição de quadros dentro da FAEM e principalmente poder participar das apresentações do CEC, e através dos artigos expor à comunidade acadêmica os trabalhos realizados durante o estágio.

Dentro do estágio posso dizer que me realizei profissionalmente, pois sei que aprendi e pude realizar várias etapas que certamente realizaria dentro de um Museu.

Você considera que a sua experiência na Rede de Museus da UFPel, contribuiu para a sua formação profissional? Se sim, de que maneira houve essa contribuição?

Com certeza participar do estágio dentro da Rede de Museus me proporcionou o conhecimento de várias atribuições que certamente eu iria desempenhar dentro do Museu, conhecer os objetos, sua história dentro da sociedade, a quem pertenceu, como preencher os vários documentos que fazem parte desse objeto, como cuidar e conservar e principalmente como construir a narrativa desse objeto, pois o público merece ter acesso às informações dos objetos expostos.

Participar ativamente dentro do processo de documentação museológica, me inspirou a escrever o meu TCC, sinto apenas de não poder continuar dentro da Universidade e continuar fazendo parte dessa equipe, pois durante o estágio me sentia como se estivesse trabalhando dentro de um Museu, e tudo o que eu aprendi dentro da sala de aula tenho certeza que foi aplicado durante o estágio, sendo assim me considera apta a buscar uma qualificação profissional,

O estágio proporciona vivenciar na prática as etapas do curso, realizar o preenchimento de uma ficha não é só descrever o que você vê, mas é sentir o objeto, é conhecer a história é pesquisar sobre o objeto. Identificar uma fotografia, é trazer a realidade dos fatos, é identificar cada pessoa que fez parte daquele momento marcante.

Nem todos terão a oportunidade de trabalhar dentro de um Museu, assim, fazer parte de um projeto como estagiária é muito mais significativa, é ser parte do projeto e se realizar profissionalmente.